



Universidade
Estadual de Londrina

CARLOS ALBERTO SILVA XAVIER

RELIGIÃO E CULTURA
DIMENSÕES DA INTERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA
DO CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS DE LONDRINA

LONDRINA
2007

CARLOS ALBERTO SILVA XAVIER

RELIGIÃO E CULTURA
DIMENSÕES DA INTERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA
DO CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS DE LONDRINA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais.

Orientação: Profa. Dra. Raimunda de Brito Batista

LONDRINA
2007

CARLOS ALBERTO SILVA XAVIER

RELIGIÃO E CULTURA
DIMENSÕES DA INTERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA
DO CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS DE LONDRINA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Sociais.

Orientação: Prof^a. Dra. Raimunda de Brito Batista

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora
Raimunda de Brito Batista
Universidade Estadual de Londrina

Prof^o. Componente da Banca
João Batista Filho
Universidade Norte do Paraná

Prof^a. Componente da Banca
Elena Maria Andrei
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

À Lúcia M^a Soares da Silva (in memorian), de quem sou eternamente grato pelos ensinamentos e proteção que me foram úteis para sobreviver ao contexto árido e desigual do Sertão nordestino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus criador, doador da vida, de quem tenho recebido graça, amor e compaixão, elementos indispensáveis ao sonho e construção de um mundo mais humano com justiça e liberdade.

À Marcia, esposa, amante, amiga, que nestes 30 anos de relacionamento, soube valorizar minha militância política e suportar minhas ausências e consequências dos embates com as anomalias do poder.

Meus filhos queridos, amados... Daniel, Débora e Danilo, pelo grande significado em minha vida, pelo incentivo neste curso e por terem tirado minha barba durante a seção de trote após o vestibular. O que, após 20 anos, me levou a constatar que fico mais bonito sem barba!

Ao meu pai, Raimundo Xavier, meus irmãos Cláudio, Ana, Dilma e Tereza, que sempre acreditaram e investiram em mim, dos quais tenho muita saudade e sonho em voltar a convivermos juntos em nossa Bahia querida.

À minha orientadora, Prof^a Raimunda Batista Brito, pelas contribuições acadêmicas, incentivo e valorização de meu trabalho. A prof^a Raimunda e seu marido, Prof^o João Batista, exemplos de educadores que cultivam na relação com os educandos, a alteridade, o respeito e a criatividade.

Prof^a Elena Andrei, cuja contribuição teórica para este trabalho foi elementar, além de seu exemplo de militância no campo dos estudos culturais.

Prof^a Luzia Herrmann, por desenvolver em mim, a consciência do ideal democrático que contempla justiça, igualdade, liberdade e o compromisso de cada cidadão com a promoção do bem comum.

Aos demais professores(as) e funcionários(as) do Departamento de Ciências Sociais, pela dedicação no grande projeto de construção do conhecimento.

E como estes quatro anos de labor acadêmico foram maravilhosos, expresso desde já minha saudade dos(as) queridos(as) colegas, dos(as) quais sou grato pela amizade e companheirismo.

Ao Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina, pela parceria na missão da formação política e pelas contribuições para esta pesquisa.

A perspectiva intercultural, de fato, começa somente quando se criam as condições para a troca, quando se estabelece uma relação de reciprocidade, quando, no reconhecer o outro, nos tornamos conscientes da nossa própria cultura. Então, deixam de ser óbvias as práticas quotidianas, as regras dadas como certas e os automatismos da rotina; nos damos por conta do quão local é o saber-fazer que transmitimos, [...] É um verdadeiro desafio apenas se os modelos educativos institucionais, nos seus micro e macro níveis, se abrem ao “escândalo do encontro com o outro”.

Paola Falteri, 1998.

XAVIER, Carlos Alberto Silva. **Dimensões da intercultura no processo de formação política do conselho de Pastores Evangélicos de Londrina**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Este estudo se configura como um Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, para obtenção do título de Bacharel, apresentado à Universidade Estadual de Londrina no ano de 2007. Propõe pesquisar no segmento evangélico de Londrina, as dimensões da intercultura presentes no processo de formação política do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina - CPEL. Considerando que o segmento evangélico está caracterizado pela presença de diferentes denominações, e que o CPEL é formado por pastores representantes destas diferentes denominações; a problemática que se coloca é: como se dá o encontro entre estes diferentes no âmbito da formação política? Que relevância tem a intercultura neste processo? Como se dá em torno do Conselho de Pastores, a relação entre membros de diferentes classes sociais, etnias e denominações? Qual o conceito e perspectiva de ecumenismo para os pastores do Conselho? Diante das contradições sócio-econômicas da sociedade londrinense, quais as perspectivas de transformação que a intercultura pode oferecer? Delimitamos como objetivo da pesquisa conhecer as dimensões da intercultura presente no processo de formação política dos pastores evangélicos de Londrina. Tomando como paradigma de investigação a Etnografia, e como sujeitos os membros do CPEL. Em decorrência da complexidade da temática, a pesquisa bibliográfica buscou o aporte teórico da Antropologia, da Sociologia, Teologia e dos Estudos Culturais para conhecer as ambivalências, contradições e desafios encontrados no CPEL. A pesquisa de campo se efetivou por meio de observação direta das reuniões e eventos que envolvem a participação do CPEL, considerando que a observação participante é facilitadora na tarefa de perceber a complexidade das interações sociais. Na seqüência foram aplicados questionários para diagnóstico e identificação de questões mais específicas referentes ao sujeitos da pesquisa. Também foram feitas entrevistas para detectar o pensamento dos pastores a respeito da participação do CPEL nas demandas políticas da cidade. Considerando o crescimento do segmento evangélico na sociedade brasileira, e seu importante papel no campo político, conhecer o sentido, os embates e ambivalências que se dão no encontro entre suas diferentes culturas, é relevante para a construção de alternativas para um fazer político ético e transformador

Palavras Chaves: Intercultura. Formação Política. Religião. Alteridade. Identidade. Ecumenismo. Ética.

XAVIER, Carlos Alberto Silva. **Interculture Dimensions in the Political Formation Process of the Evangelical Pastors Council of Londrina.** End-of-Term Paper - State University of Londrina, Londrina, 2007.

ABSTRACT

This is an end-of-term paper of the Social Science undergraduate course to obtain the Bachelor degree, presented to the State University of Londrina in 2007. Its purpose is to research into the evangelical segment of Londrina, the intercultural dimensions present in the political formation process of the Evangelical Pastors Council of Londrina - EPCL. Considering that the evangelical segment is characterized by the presence of different denominations, and that the EPCL consists of pastors who represent these denominations, the question is: how does the gathering of these different denominations occur in the political formation scope? How relevant is intercultural in this process? How does the relation between members of different social classes, ethnic groups and denominations occur, concerning the EPCL? What is the concept and perspective of ecumenism for the EPCL's pastors? In face of the social economical contradictions of the society in Londrina, which are the transformation perspectives that intercultural may offer? The delimited purpose of this research is to get to know the intercultural dimensions, present in the EPCL's political formation process, taking as a research paradigm the ethnography, and as subjects of the research, the EPCL's members. Due to the theme complexity, the bibliographic research was based theoretically on Anthropology, Sociology, Theology and Cultural Studies to understand the ambivalence, contradictions and challenges found in the ECPL. The field research was carried out by means of direct observation in meetings and events that involved ECPL's participation, considering that the participant observation facilitates noticing the complexity of social interactions. After that, questionnaires were applied to diagnose and identify more specific issues concerning the subjects of the research. Interviews were also conducted to detect the pastors' thought about ECPL's participation in the political demands of the city. Considering the increase of the evangelical segment in Brazilian society and its important role in the political field, to get to know the meaning, the clashes and ambivalence that occur among these different cultures is relevant for the construction of alternatives, in order to create an ethical and transforming political doing.

Key words: Interculture, Political Formation, Religion, Alterity, Identity, Dialogue, Ecumenism, Ethics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPEL	Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.
EUA	Estados Unidos da América
IPI	Igreja Presbiteriana Independente
ACIL	Associação Comercial de Londrina
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
UNIFIL	Universidade Filadélfia
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
SEPAL	Serviço de Evangelização para América Latina
STAGS	Seminário Antonio de Godoy Sobrinho
PUC	Pontifícia Universidade Católica
FTSA	Faculdade Teológica Sul Americana
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
MEP	Movimentos Evangélico Progressista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - PERSPECTIVAS DA INTERCULTURA NO ENCONTRO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO	14
1.1 CIÊNCIA E RELIGIÃO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL.....	14
1.2 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	19
1.3 INTERCULTURA COMO PROCESSO EDUCACIONAL.....	22
CAPÍTULO II - CONTEXTO E INSERÇÃO DO CPEL NA CIDADE	27
2.1 PRESENÇA EVANGÉLICA NA CIDADE DE LONDRINA.....	28
2.2 HISTÓRIA DO CPEL E SUA PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE.....	37
CAPÍTULO III - DIMENSÕES DA INTERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO CPEL	45
3.1 IDENTIDADES DO CPEL - “O SUJEITO EPISTEMOLÓGICO”.....	46
3.2 POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO CPEL.....	55
3.3 A ÉTICA DA PROMOÇÃO DA VIDA HUMANA – “A FIGURA DO PROFETA”	59
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	69
ANEXO A – Estatuto do CPEL.....	70
ANEXO B – Relato das observações de reuniões do CPEL.....	79
ANEXO C – Questionários aplicados aos membros do CPEL.....	82
ANEXO D – Análise dos dados obtidos nos questionários aplicados ao CPEL.....	88
ANEXO E – Relato de Eventos em que o CPEL esteve envolvido na cidade.....	90
ANEXO F – Entrevista com o Rev João Marcos Ribeiro.....	94

INTRODUÇÃO

A formação política de qualquer segmento social é um processo dinâmico. No caso do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina – CPEL, esta dinâmica é ainda mais intrigante dada as características peculiares do mesmo. Isto porque, este Conselho é formado por pastores oriundos de diversas denominações¹, com traços culturais de colonizadores europeus e das diferentes regiões do Brasil, onde também a condição sócio-econômica perpassa as questões de ordem cultural.

Entendemos como formação política, o processo educacional objetivo, podendo ser formal ou informal, em que o indivíduo desenvolve seu senso crítico e a maneira de conceber o mundo em que está inserido, assumindo atitude de compromisso em transformá-lo num mundo melhor para seus habitantes.

O pesquisador Muzio (2004), que tem estudado o crescimento do segmento evangélico em todo o Brasil, considera significativos os resultados do Censo de 2000, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o qual indicou na época, a presença de 25 milhões de evangélicos no país, aproximadamente 17% da população.

A participação de sua liderança pastoral em diversas áreas da sociedade, torna impossível ignorar a importância dos evangélicos nos rumos políticos da nação. É notável a participação de líderes e pastores evangélicos nos processos eleitorais, ocupando cargos políticos de confiança e promovendo a discussão de temas importantes do cotidiano como a questão da AIDS², aborto, sexualidade, violência, discriminação racial, meio ambiente entre outros.

A cada ano eleitoral, surgem diversos pastores, incentivando a participação de suas respectivas igrejas neste processo. Os argumentos são os mais diversos, desde aqueles marcados pelo fisiologismo da política brasileira, passando pelo corporativismo, àqueles que expressam compromisso de transformação social. São muitos os conflitos vivenciados. Conflitos que afetam o próprio universo do mundo religioso cristão, gerando uma participação política fragmentada e conservadora. Mas ao mesmo tempo gerando possibilidades de mudanças.

¹ Aqui, no sentido de designar as comunidades eclesiais. Ex. Batista, Metodista, Presbiteriana e etc.

² AIDS, sigla inglesa "*Acquired Immune Deficiency Syndrome*", que em português quer dizer Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

O curso de Ciências Sociais possibilitou um olhar mais questionador a respeito da temática citada acima, especificamente as leituras feitas na disciplina de Antropologia que nos influenciou quanto aos desafios da experiência etnográfica, com destaque a perspectiva conceitual de Oliveira (1993) sobre “sujeito epistemológico”, que se aplica ao “outro” interno e próximo.

Neste sentido, nos propomos a pesquisar no segmento evangélico de Londrina, as dimensões da intercultura presentes no processo de formação política do CPEL. A questão que se coloca como problemática é: considerando que o segmento evangélico está caracterizado pela presença de diferentes denominações, e que o CPEL é formado por pastores representantes destas diferentes denominações: como se dá o encontro entre estes diferentes no âmbito da formação política? Que relevância tem a intercultura neste processo? Como se dá em torno do Conselho de Pastores, a relação entre membros de diferentes classes sociais, etnias e denominações? Qual o conceito e perspectiva de ecumenismo para os pastores do Conselho? Diante das contradições sócio-econômicas da sociedade londrinense, quais perspectivas de transformação a intercultura pode oferecer?

Pensando nas questões levantadas acima, delimitamos como objetivo desta pesquisa, conhecer as dimensões da intercultura presente no processo de formação política dos pastores evangélicos de Londrina. Considerando o crescimento do segmento evangélico na sociedade brasileira, e seu importante papel no campo político, conhecer o sentido, os embates e ambivalências que se dão no encontro entre suas diferentes culturas, é relevante para a construção de alternativas para um fazer político ético e transformador.

Sendo assim, o paradigma de investigação é a Etnografia (Oliveira, 1993) e os sujeitos são os membros do CPEL. A pesquisa bibliográfica apresenta recortes teóricos em relação às categorias fundamentais à compreensão do processo de formação política do segmento evangélico. Em decorrência da complexidade da temática, buscou-se o aporte teórico da Antropologia, da Sociologia, da Teologia e dos Estudos Culturais para estudar as ambivalências, contradições e desafios encontrados.

Partindo deste pressuposto organizamos o Capítulo I, que nomeamos de *“Perspectivas da Intercultura no Encontro entre Ciência e Religião”*, com o propósito de entender quais as perspectivas da intercultura para a

compreensão do processo de formação política dos grupos religiosos. A princípio discorreremos sobre o possível diálogo entre ciência e religião, no sentido de situar esta última como manifestação cultural importante para a pesquisa na área das Ciências Sociais. Na seqüência discorreremos sobre os Estudos Culturais enquanto arcabouço teórico que ancora a intercultural, salientando a relevância da mesma para o processo de formação política dos grupos religiosos.

Na seqüência exploramos a pesquisa de campo que foi feita por meio dos seguintes recursos: observação direta das reuniões e eventos que envolveram a participação do Conselho de Pastores, considerando que a observação participante é facilitadora na tarefa de perceber a complexidade das interações sociais. Ao todo, observamos 4 reuniões ordinárias com o objetivo de conhecer os critérios de participação dos pastores nas reuniões, os conteúdos e suas formas de apresentação, além das relações de poder, por conta das identidades e dos espaços de representação no interior do CPEL.

Outra observação relevante nestas reuniões, foi a relação dos pastores com visitantes do CPEL: políticos, líderes de outras religiões, empresários e outros representantes da sociedade civil de Londrina. Também observamos dois eventos nos quais os pastores do Conselho foram convidados para participarem e discutirem questões relativas à dinâmica social da cidade. Nestes encontros procuramos focar nossa observação em como se dá a relação dos pastores com a sociedade londrinense, bem como as características que permeiam estas relações.

Fizemos ainda a aplicação de 20 questionários junto aos pastores membros do CPEL, para diagnóstico e identificação de questões mais específicas relevantes à problemática de pesquisa, bem como entrevistas diretas, a fim de detectar possíveis contradições, ambivalências e possibilidades no interior de suas relações, enquanto membros do CPEL. Analisamos também documentos do CPEL, como o Estatuto e alguns livros de atas.

De posse da análise de dados organizamos os dois últimos capítulos.

No Capítulo II que nomeamos “*Contexto e Inserção do Conselho de Pastores Evangélicos na Cidade De Londrina*”, escrevemos sobre a história dos evangélicos em Londrina, com ênfase na inserção do CPEL neste contexto, levantamos aspectos importantes na organização da cidade; sua formação social,

política e econômica, bem como a contribuição dos evangélicos para o desenvolvimento da mesma.

O Capítulo III que nomeamos “*Dimensões da Intercultura no Processo de Formação Política do Conselho de Pastores de Londrina*”, objetivamos identificar as dimensões da intercultura passíveis de repensar o processo de formação política do CPEL. Para isso, primeiro abordaremos a identidade do CPEL, destacando a marca do hibridismo, dos conflitos e das relações de poder. Em seguida abordamos as possibilidades no processo de formação política, com destaque para a alteridade, a solidariedade, o ecumenismo e a unidade como marca da fé cristã. E finalmente o anúncio de uma ética que possibilite uma ação política a favor da vida humana.

Os resultados apontam para o fato de que o processo de formação política de qualquer grupo social não é algo espontâneo, é histórico e pedagógico, portanto tem uma intencionalidade que exige uma atitude de ensino-aprendizagem. Considerando que o CPEL é uma entidade marcada pelo hibridismo cultural, o encontro dos mesmos nas questões políticas é conflituoso e ambivalente, mas também passível de mudanças significativas que promovam emancipação e transformação.

CAPÍTULO I

PERSPECTIVAS DA INTERCULTURA NO ENCONTRO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

A intercultura tem sido entendida como o processo de encontro entre culturas diferentes, que pode acontecer de forma pacífica ou por meio de conflitos. Considerando este raciocínio, o que percebemos na história da humanidade é a presença constante da intercultura, visto que o processo de formação humana acontece tendo a cultura como fator determinante. São os diferentes encontros culturais, no âmbito do econômico, político, social, geracional, racial ou de gênero, que constroem a identidade, seja ela coletiva ou individual.

Partindo deste pressuposto, caracterizamos este capítulo como a fundação teórica necessária para entender quais as perspectivas da intercultura para a compreensão do processo de formação política dos grupos religiosos. A princípio discorreremos sobre o possível diálogo entre ciência e religião, no sentido de situar esta última como manifestação cultural importante para a pesquisa na área das Ciências Sociais. Na seqüência discorreremos sobre os Estudos Culturais enquanto arcabouço teórico que ancora a intercultura, salientando a relevância da mesma para o processo de formação política dos grupos religiosos.

1.1 CIÊNCIA E RELIGIÃO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL

A história do mundo ocidental é marcada pela presença da religião enquanto parte da cultura dos diferentes grupos sociais. Em cada momento histórico a religião assume um significado que diz respeito a forma como estes grupos se organizam e dão sentido aos desafios que se colocam diante da vida em todos os âmbitos.

Na Antiguidade por exemplo, a religião estava presente nas manifestações de uma religiosidade mitológica, eram os mitos que explicavam os desafios da realidade. Já na Idade Média, com o advento do Cristianismo, os

desafios da vida eram entendidos a partir da ótica da Teologia, motivo pelo qual este período é chamado de Teocêntrico.

Com o surgimento do Capitalismo, o mundo ocidental presencia várias revoluções: religiosa, cultural, social, política e econômica. Estas dão origem a uma nova forma de pensar denominada antropocêntrica, que diz respeito à maneira como o ser humano interpreta os desafios vivenciados. Desta feita, tal interpretação está balizada na ciência e portanto no exercício da razão humana, não mais na fé, caracterizando assim a Modernidade que na sua lógica defende a separação entre religião e ciência.

Neste sentido é a Ciência Moderna quem deve responder aos desafios vivenciados pela humanidade. O avanço das ciências no mundo ocidental, a partir de meados do Séc.XVIII, conhecido como “século das luzes”, gerou um processo de desencantamento do mundo, ou seja, sua dessacralização. Este movimento de dessacralização ficou conhecido como “Iluminismo”, pois os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas.

Os escritos de pensadores iluministas reduziram o espaço das crenças religiosas no mundo. Durkheim, Saint-Simon e Comte, idealizando a religião secular, influenciada pelo racionalismo, acreditavam que ela deveria dedicar-se às causas mais nobres referentes às aspirações da humanidade. Outros porém, entendiam que a religião era mera superstição, e como tal, deveria ser explicada pela Antropologia. Neste sentido, ao comentar sobre a diminuição do sobrenatural na mente dos homens, Evans-Pritchard (1986), disse:

Quase todos os principais antropólogos da minha geração – creio – sustentariam que a fé religiosa é uma ilusão, um curioso fenômeno que logo será extinto e que poderá ser explicado com expressões tais como ‘compensação’ e ‘projeção’, ou, como estabelecem algumas interpretações sociológicas, algo que diz respeito à manutenção da solidariedade social. (p.11).

Já Octavio Ianni (1986), sob a ótica da sociologia, ao falar das mudanças ocorridas no âmbito da religião, decorrentes do secularismo, denuncia a corrupção do gênero humano e o estado a que este chegou:

Aos poucos, em lugar de ocupar o centro da vida social, da cultura, passa a servir à máquina, mercadoria, lucro. Deus e o Diabo se tornam prosaicos,

cotidianos, diferentes, irreconhecíveis, outros de si mesmos, substituídos ou personificados pelo dinheiro, consumo, ostentação, cobiça, violência. Tudo se seculariza na trama das relações, processos e estruturas que constituem a vida social e cultural, os trabalhos e os dias de uns e outros – todos. (IANNI, 1986, p.21)

Na esteira desta discussão podemos trazer para reflexão, a observação de Ianni (1986) sobre as considerações de Marx, quando este último diz: *“A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito.”*³. Ianni (1986), concorda com Marx neste ponto, mas argumenta que toda reflexão sobre a história, compreende a ficção e a utopia, tarefa que, aos olhos da ciência, também comporta certo “encantamento”, ao dizer que: *“Para desencantar o mundo de Deus e do Diabo é sempre necessário recontá-lo. Recantá-lo. A ciência, como arte, pode muito bem ser vista como um modo de encantamento do mundo.”* (p.22).

Ainda assim, a religião para além do seu aspecto metafísico, tem se tornado num grande arcabouço de reflexão do presente e passado, expresso nas diferentes formas, gestos, palavras, imagens, fábulas, alegorias, através das quais também se projeta o futuro.

O advento do iluminismo e o conseqüente desenvolvimento da ciência, trouxeram ganhos à humanidade. O maior deles, foi o desencantamento do mundo, ou seja, sua dessacralização e ascensão da razão. Apesar disso, em tempos de pós-modernidade, reabre-se o debate sobre a importância da religião e seu papel na sociedade. Percebemos um questionamento quanto à lógica da Ciência Moderna, e um retorno às manifestações culturais, como forma de entender as angústias e desafios da humanidade. Entre tais manifestações encontra-se um retorno à religião.

Jacques Derrida (2000), sob o ponto de vista da filosofia, ao estudar o fenômeno do retorno à religião, atribui a dificuldade de compreensão deste, ao fato de se pensar que a alternativa da religião se opõe à alternativa das luzes, da ciência, da crítica (marxista, nietzscheana e freudiana), como se a existência de uma anulasse a existência de outra. Para este autor a discussão não passa pelo antagonismo, mas pela necessidade de estabelecer um outro esquema

³ Karl Marx. “Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel”. In A questão judaica, tradução. de Wladimir Gomide. Gráfica Editora Laemmert, Rio de Janeiro, 1969, p.106

para pensar sobre o religioso. Fazendo menção do pensamento de Kant, Derrida (2000), diz que este autor afirma a existência de apenas duas famílias de religião, ou seja, dois troncos para as demais religiões: “A religião de mero culto”, que busca obter os favores de Deus, mas não interfere objetivamente na sociedade, limitando-se a ensinar a oração, sem a busca do aperfeiçoamento do homem até mesmo pela remissão dos pecados, e “A religião moral”, que visa a boa conduta da vida, determina o fazer, estando de acordo com a racionalidade da razão pura prática, ignorando a diferença entre fé e saber. É a fé que reflete!

De volta ao campo da antropologia, destacamos aqui, que em tempos de pós-modernidade, esta tem resgatado o valor da religião, sua dimensão cultural, sua lógica popular, bem como a necessária crítica. Neste sentido, Geertz (2001), ao falar da relação entre cultura e política adverte quanto à necessidade de uma nova forma de política que considere o todo e as partes, uma perspectiva política que não exclua as manifestações culturais, inclusive a religião:

Parecemos necessitar de uma nova forma de política, uma política que não encare a afirmação étnica, religiosa, racial, lingüística ou regional como uma irracionalidade arcaica e ingênua, a ser suprimida ou ultrapassada, como uma loucura censurada ou uma escuridão desconhecida, mas que veja, como qualquer outro problema social – a desigualdade, digamos, ou o abuso de poder –, como uma realidade a ser enfrentada e modulada, com a qual de algum modo é preciso lidar e chegar a um acordo. (p.215).

No campo da teologia e da psicologia, Rubem Alves (1981) dialoga com a história e a sociologia. Este autor vê na crítica que Marx faz à religião, o sonho (de Marx) por uma sociedade sem oprimidos e opressores, onde a liberdade e a igualdade não são privilégios da classe dominante, mas expressão de todo ser humano. Porém, o que Marx presenciava era a lógica do lucro, onde o operário era visto como mercadoria descartável. Este é o mundo capitalista, onde os homens trabalham em condições que não escolheram e produzem um mundo que não desejam. Através deste sofrimento é que surgem os sonhos, gritos, gemidos, poemas, filosofias e constituições religiosas.

Marx estudou a função da religião no processo social com primado na lógica da opressão capitalista, que implicava em denunciar o papel da religião e de suas respectivas instituições nesse contexto. Coube a outros teóricos estudar porque os símbolos religiosos se constituíam suporte de consolo e esperança aos

oprimidos. Neste sentido, sob a ótica da sociologia, Gerth e Mills (1971), demonstram que a reinterpretação dos símbolos é determinante para a mudança da ética religiosa e, por conseguinte da situação social:

Não é a nossa tese de que a natureza específica de uma religião seja simples 'função' da situação social do estrato que aparece como seu portador característico..., ou que seja 'reflexo' dos interesses materiais ou ideais de um estrato... Seja qual for a força das influências sociais, econômica e politicamente determinadas, sobre uma ética religiosa, esta recebe o seu caráter principalmente de fontes religiosas e, acima de tudo, do conteúdo do seu anúncio e de sua promessa. Com frequência, a próxima geração reinterpreta esses anúncios e promessas de uma maneira fundamental. Tais reinterpretações ajustam as revelações às necessidades da comunidade religiosa... (p.269-270).

Ora, em se tratando da necessidade e possibilidade de historicamente reinterpretermos os símbolos religiosos, é interessante considerarmos o pensamento de Löwy (2000). Este, em sendo marxista, e portanto, crítico da religião, inclusive cristã, chama a nossa atenção para uma vertente revolucionária do cristianismo. Trata-se da teologia da libertação, particularmente na América Latina, que na sua perspectiva contribuiu para a construção de uma religiosidade que se funda em conceitos marxistas, e serve de inspiração às lutas sociais.

Na verdade, algo novo aconteceu no cenário religioso latino-americano nas últimas poucas décadas, e algo que tem grande relevância para a história mundial. Um setor significativo da igreja – tanto fiéis, como clero – na América Latina, mudou de posição na área de lutas sociais, passando, com seus recursos materiais e espirituais, para o lado dos pobres e de sua luta por uma sociedade nova. (p.12-13)

Ainda falando da necessidade de reinterpretermos os símbolos religiosos, um exemplo que expressa a luta dos povos oprimidos, está na figura do Profeta⁴, em diferentes contextos religiosos. Wach (1990) falando sobre os tipos de autoridades religiosas, considerou a 'profecia' uma categoria especial, com um "chamado" distinto. Para ele, uma das características do profeta é lançar luz no passado e interpretá-lo, buscando antecipar o futuro, o kairós (momento). Esta figura

⁴ Ver Wach (1990) : Para este autor, o Profeta é a autoridade religiosa, cuja principal característica é gozar de intensa comunhão com a divindade, recendo desta o poder para interpretar o passado e prever o futuro.

religiosa do profeta, não costuma surgir do meio da aristocracia, geralmente surge no meio do povo mais simples e permanece fiel à sua origem, mesmo em ambiente adverso. Rubem Alves (1981) compartilha do pensamento de Wach (1990) ao afirmar que os profetas bíblicos entendiam que o sagrado tinha a ver fundamentalmente com a justiça e a misericórdia, eles eram porta-vozes dos desgraçados e oprimidos.

É possível compreendermos a ambivalência da religião, que pode servir a objetivos distintos, dependendo daqueles que manipulam os símbolos sagrados. Ao propormos o diálogo entre religião e ciência, fizemos considerando a interface entre as Ciências Sociais; Antropologia, História, Teologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia. No entanto buscamos o aporte da Antropologia que entende a religião como manifestação da cultura dos povos. Neste sentido, nos apropriamos do conceito de religião proposto por Geertz (1989):

Religião é um sistema simbólico que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (p.104-105).

1.2 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIIS

Ao considerarmos a perspectiva de Geertz (1989), da religião como um sistema simbólico permeado de crenças e práticas, percebemos então, que ela não diz respeito apenas à Teologia. O universo de crenças e práticas religiosas possuem variados sentidos, visto que acontecem em contextos históricos específicos. Desta forma, Bellotti (2004), entende que a religião não deve ser vista como se fosse uma instância descolada da vida social, ou, apenas uma instituição subordinada às estruturas econômicas.

Neste sentido, os Estudos Culturais, se constitui como uma vertente das Ciências Humanas que pode colaborar para a interpretação da religião e suas dimensões. Para Escosteguy (1998) os Estudos Culturais devem ser entendidos do ponto de vista teórico e político. Teórico, no sentido de objetivar a construção de um novo campo de estudos, resultante da insatisfação com os limites de determinadas

disciplinas, propondo a interdisciplinaridade. Político, na tentativa de construir um projeto manifesto na política cultural de diversos movimentos sociais à época de seu nascimento. Tal ponto de vista é corroborado pela perspectiva de Hall apud Escosteguy (1998), ao dizer que: “Os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’ mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade.” (p.88).

O campo dos Estudos Culturais é marcado pela presença de diversas disciplinas que se interseccionam no estudo dos aspectos culturais da sociedade contemporânea. Escosteguy (1998), ao tentar mapear o centro de atenção do campo dos Estudos Culturais, utiliza o argumento de Graeme Turner apud Escosteguy (1998):

Estudos culturais é um campo inter-disciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (p.88).

Escosteguy (1998), ressalta que, na fase inicial dos Estudos Culturais, seus fundadores foram cautelosos em não divulgar uma definição rígida de proposta. Ela lembra que Stuart Hall defendeu que o órgão de divulgação do Centro de Estudos: *Working Papers in Cultural Studies*, não deveria se preocupar em “... ser um veículo que defina o alcance e extensão dos estudos culturais de uma forma definitiva ou absoluta. Nós rejeitamos, em resumo, uma definição descritiva ou prescritiva do campo” (p.88).

Esta visão a cerca dos Estudos Culturais, é compartilhada também por Ortiz (2004), que vê na sua dimensão multidisciplinar, a principal característica para o rompimento das fronteiras estabelecidas nos departamentos e nas universidades. Ele observa que o movimento de institucionalização do conhecimento, no século XX, funcionou como uma espécie de “fordismo intelectual”, ou seja, desenvolveram um saber fragmentado em relação a uma visão globalizada dos fenômenos sociais, apesar de reconhecer que o processo de especialização possibilitou a análise detalhada de certos eventos sociais. Ele entende que o papel da multidisciplinaridade, não é determinar o fim das fronteiras, pois estas “são

necessárias para a existência de um saber autônomo, independentemente das injunções externas (religião, política, provincianismo local, senso comum)”.

Ortiz (2004), também afirma que, no período do debate quanto ao surgimento da cultura de massa nos Estados Unidos (1940 – 1950), a análise dos fenômenos culturais possuía pouco prestígio em relação a outros temas no campo intelectual como, Estado, partidos políticos, industrialização, modernização e urbanização, que eram considerados bem mais importantes do que os estudos sobre cultura popular e religiões.

Escosteguy (1998), destaca a importante contribuição teórica de Raymond Williams, John B. Thompson e Stuart Hall, para a constituição do campo dos Estudos Culturais. No caso de Williams, se deu através de um olhar diferenciado sobre a história literária, mostrando que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social. A contribuição de Thompson ficou por conta de sua influência no desenvolvimento da história social britânica, na perspectiva da tradição marxista. Na opinião de ambos, a cultura era uma espécie de rede alimentada de práticas e relações que faziam parte da vida cotidiana, dentro da qual, o indivíduo exercia um papel primordial. Mas, Escosteguy (1998) registra que Thompson possuía certa resistência à concepção de cultura na sua forma global, preferia então, entendê-la enquanto uma luta entre os diferentes modos de vida.

Quanto à contribuição de Hall para os Estudos Culturais, Escosteguy (1998), avalia que, ao decidir substituir Richard Hoggart na direção do Centro de Estudos Culturais, de 1969 a 1979, Hall, acabou por incentivar consideravelmente os estudos etnográficos, as análises dos meios massivos e também, a investigação das práticas de resistência no interior das sub-culturas. Por fim, ela considera em sua avaliação, que, a proposta original dos Estudos Culturais é vista por alguns estudiosos como sendo mais política do que analítica, apesar de possuir um marco teórico específico, ancorado na teoria marxista.

Uma das vertentes do estudo das culturas, é a chamada Nova História Cultural, que tem influenciado muitos pesquisadores na investigação de temas que até então, eram considerados menos nobres na História. Lopes e Galvão (2001), falam da revolução causada no campo da História, através da Escola dos Annales, a qual, buscou estender o universo dos objetos, das fontes e das abordagens utilizadas na pesquisa historiográfica.

Sabemos que, sobretudo a partir da fundação da revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*, por Lucien Febvre e Marc Bloch, muitos dos pressupostos da história positivista passaram a ser criticados e a História, não mais restrita à política, interessa-se também por aspectos econômicos, sociais e culturais da sociedade. Mais recentemente, sobretudo nos últimos quarenta anos, passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos 'esquecidos' da História, como as crianças, as mulheres e as camadas populares. (p.39).

Desde então, novos objetos, novas fontes para os Estudos Culturais passaram a ser considerados, inclusive as emoções, sentimentos e a mentalidade das pessoas, passaram a fazer parte da história. Estas fontes eram consideradas pela ciência como pouco confiáveis. Lopes e Galvão (2001) entendem que a Nova História acabou por propiciar sua aproximação de ciências como a Antropologia e a Lingüística, que por sua vez, possibilitou o desenvolvimento de novos olhares e novas ferramentas conceituais para o estudo das culturas, inclusive a religião.

1.3 INTERCULTURA COMO PROCESSO EDUCACIONAL

O espaço religioso é formado por uma lógica própria, que possibilita a vivência de experiências inéditas, emergindo assim, contradições permeadas por diálogos possíveis e impossíveis. Essas contradições por sua vez, possibilitam a visualização de interfaces no encontro entre os diferentes. É o que a Sociologia chama de dialeticidade da dinâmica social. É também o que Paola Falteri (1998) propõe ao afirmar que precisamos nos abrir ao escândalo do encontro com o outro.

Ao estudar as dimensões da intercultura, Falteri (1998), parte do princípio de que não existe uma cultura no uso social comum, mas culturas, indicando assim o contexto em que o interculturalismo acontece. Considerando o antigo pressuposto de alguns estudiosos, que até as décadas de 60 e 70 do século passado consideravam a existência de culturas hegemônicas e culturas subalternas, é possível detectar nelas uma relação marcada pelas dimensões de poder e de classe. Esta concepção provocou um debate sobre as características das culturas subalternas, vistas como marginais e passivas, necessárias de

emancipação por conta de uma situação precária, miserável, que favorece a exploração e a sujeição ideológica.

Há por sua vez, quem considere as classes subalternas potencialmente antagônicas em sua diversidade, sendo possíveis protagonistas de mudança. Neste caso, seria necessário potencializar aquilo que as distingue das culturas hegemônicas, valorizando suas formas criativas de denunciar e revelar a opressão sofrida por outras culturas.

Com o advento da globalização, tornou-se mais evidente a imagem da cultura homogeneizada pela circulação de mercadorias, novas tecnologias e mensagens, de modo que, as antigas diferenças locais foram atenuadas, as distâncias entre as classes parecem diminuir, de modo que as diversidades são ameaçadas em sua existência.

Em contra partida, a vida social expressa um sistema rico de significados, relativamente autônomo, permitindo que a noção de cultura se pulverize em muitos significados. Assim, ninguém pode se dizer portador de um único e coerente modo de ver o mundo, organizar suas próprias experiências e atribuir-lhes sentido.

Nossas relações sociais, tanto no plano individual, quanto coletivo, são dinâmicas e marcadas por múltiplas características culturais que se fundem num rico processo de construção de novos significados, onde as relações de poder ficam obscuras ou parecem não existir:

[...] os hibridismos parecem a regra e a desorientação, especialmente para os jovens, aparece como inevitável. Nessa declinação no plural, as relações de poder ficam em segundo plano ou não são reconhecidas em sua evidência. (FALTERI, 1998, p.35).

Na visão de Mariz (2002), o que nos sugerem as análises sociológicas é que uma convivência pacífica tem sido possível quando não há opressão cultural, política e econômica de um grupo por outro. É também o ponto de vista de Candau (2000), ao dizer que a perspectiva intercultural não pode ser dissociada da problemática social e política presente em cada contexto. Relações culturais e étnicas estão permeadas por relações de poder. Daí seu caráter muitas vezes contestador, conflitivo e mesmo socialmente explosivo.

É neste movimento que a identidade, seja ela individual ou coletiva, vai se formando, no confronto com a diferença. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. Isto porque, identidade e diferença são produzidas em torno de um processo de diferenciação e conseqüentemente, ao afirmarmos a identidade, significa que estamos demarcando fronteiras, elaborando distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. Ao considerarmos a identidade e a diferença como relações de poder significa também que estaremos problematizando os elementos em torno dos quais elas se organizam (SILVA, 2000).

Neste sentido, consideramos que pode ser importante para o processo de formação política de qualquer segmento religioso a contribuição da intercultura, que entre outras perspectivas tem buscado compreender a complexidade da sociedade e em especial os processos de marginalização e subjogação entre as diferentes culturas. Assim, é possível apontar perspectivas e propostas educativas que promovam formas emancipatórias de integração:

A busca de criar contextos que favoreçam a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos, assim como a relação entre os seus contextos sociais e culturais constitui o horizonte da Educação Intercultural. (FLEURI,1998, p.9).

A dimensão intercultural da religião cristã é o Ecumenismo. Segundo Júlio Santa'Ana (1987), Ecumênico aparece na maioria dos textos bíblicos do Novo Testamento na versão grega como Oikumene, cuja origem, segundo ele: "Vem de oikos, que significa casa, lugar onde se vive, espaço onde se desenvolve a vida doméstica, onde as pessoas têm um mínimo de bem-estar.". Nesta perspectiva, é possível admitir que existe certo estágio na prática ecumênica dos grupos religiosos, considerando que os mesmos não são homogêneos, mas antes marcadamente diversos em sua constituição política, econômica, religiosa, étnica e cultural, o que lhe permite avançar no encontro com o "outro" em torno de algo comum. É justamente nesta perspectiva que Falteri (1998, p.39) entende o encontro com o outro que é diferente, e que na dimensão intercultural, este encontro torna-se

aconchegante e traz bem-estar, como se de fato nos encontrássemos no aconchego e intimidade domésticas:

É aqui que a intercultura ganha um sentido mais complexo [...] um projeto comunitário que torne o mundo utilizável e doméstico, no qual seja possível o “appaesamento”, ou seja, o “sentir-se em casa” – o reencontrar-se em um horizonte de significados – e a contínua regeneração do existir como centro de iniciativa. (FALTERI, 1998, P.39)

Sepúlveda (1999) nos esclarece sobre os determinantes históricos do uso do termo ecumenismo. Este nome é dado desde o início do século XX ao movimento de unidade ou reconciliação entre as distintas tradições confessionais em que o cristianismo foi dividido ao longo da história. Suas principais motivações têm sido a busca de cooperação e coordenação no desenvolvimento das missões do mundo não cristão, e a necessidade de um testemunho unido em favor da paz no dividido mundo contemporâneo, caracterizado pelas guerras mundiais.

Neste sentido, nos voltamos para o aspecto semântico da palavra ecumênico descrito acima, para sinalizar a hipótese de um processo de desenvolvimento na prática ecumênica que transcenda as barreiras do cristianismo, motivado pelas demandas sociais, políticas, econômicas, ambientais, que devem unir indivíduos do planeta na luta por sua preservação e pela qualidade de vida de seus habitantes.

Assim, podemos afirmar, que os grupos religiosos hoje, mais do que nunca, dada a diversidade social, são desafiados a pensar na experiência de um processo de formação que considere a inculturalidade, que considere a lógica de superação da subalternidade, que considere principalmente a necessidade do diálogo entre os diferentes. Aí, o diálogo inter-religioso defronta-se com uma outra face das relações que é a face da secularidade moderna, na qual, a transcendência é submetida à crítica da razão, gerando uma terceira face que é a da pluralidade.

Este quadro de pluralidade religiosa, implica na necessidade de existência de uma interface, a qual se estabelecerá enquanto tentativas de diálogo entre as diversas religiões, fazendo com que, este processo educacional permita no encontro com a religião do outro, a possibilidade de aprofundar a própria fé. Neste sentido, advogamos que este fenômeno não é espontâneo, exige uma

intencionalidade e portando um contexto que favoreça a aprendizagem de novas formas de relacionamentos, seja no âmbito interindividual, ou intergruppal.

CAPÍTULO II

CONTEXTO E INSERÇÃO DO CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS NA CIDADE DE LONDRINA

Conhecer os movimentos de um grupo social pressupõe conhecer a sua história. Pressupõe conhecer em que contexto esta história se fez, quais os seus personagens e em que medida eles estão presentes na história atual. Neste sentido, constatamos que na história da cidade de Londrina é marcante a presença do segmento evangélico. Já na gênese da organização da cidade percebemos a participação efetiva deste grupo. Participação que não se limita ao âmbito do religioso, mas se estende ao campo econômico, político, educacional e cultural. É nesta dinâmica que acontece a criação do Conselho de Pastores Evangélicos, caracterizado na história atual como uma entidade que participa da vida política da cidade.

Pensando neste referencial é que escolhemos, neste capítulo, escrever sobre a história dos evangélicos em Londrina, com ênfase na inserção do conselho de pastores neste contexto. Para tanto, levantamos aqui alguns aspectos que consideramos importantes na organização da cidade; sua formação social, política e econômica, bem como a contribuição dos evangélicos para o desenvolvimento da cidade. Ainda neste cenário, descrevemos a história do Conselho de Pastores Evangélicos, sua importância para o segmento evangélico e sua participação na vida sócio-política da cidade. Constatamos que na constituição histórica desta entidade é possível observar algumas dimensões da intercultura, especialmente a marca da diversidade.

2.1 PRESENÇA EVANGÉLICA NA CIDADE DE LONDRINA

Ao pesquisar o processo de formação dos evangélicos, especialmente no seu aspecto cultural percebemos que este se estabelece a partir de dois eixos: O eixo histórico, composto pelas igrejas de confissão reformada (Batista, Metodista, Presbiteriana, Anglicana, Luterana), de origem cultural européia; e o eixo pentecostal, formado pelas igrejas que surgiram no Séc. XVIII com a experiência de “avivamento”⁵ da Igreja Metodista dos EUA – Estados Unidos da América, e aqui no Brasil está presente nas Igrejas: Assembléia de Deus, Quadrangular, Deus é amor, Só o Senhor é Deus, O Brasil Para Cristo, Internacional da Graça de Deus, entre outras.

A história de Londrina tem sua gênese em 1923 com a chegada ao Brasil de uma missão inglesa liderada pelo Lord Edwin Montagu que viera ao país em busca de novas oportunidades comerciais. Dois anos depois, este grupo resolveu investir no Norte do Paraná e fundaram a Companhia de Terras Norte do Paraná, que passou a adquirir terras dos governos de São Paulo e Paraná, para depois loteá-los num processo de ocupação e desenvolvimento da Região. (BONI, 2004).

Seis anos depois, em agosto de 1929, chega ao local conhecido hoje como “Marco Zero”⁶ um grupo de cerca de 10 homens para desbravar a mata, construir casas e aumentar a extensão da ferrovia. Com isto, não tardou em chegar homens e mulheres vindos de outros estados do Brasil e até mesmo de outros países como Alemanha, Itália, Japão, Espanha, Portugal, Inglaterra. Eles adquiriam lotes de terras para plantar e desenvolver outras atividades comerciais. (BONI, 2004).

Até então, Londrina fazia parte do Município de Jataizinho e só emancipou-se em 1934, quando através de decreto do dia 03 de dezembro, assinado pelo então interventor do Estado do Paraná, Sr Manoel Ribas, criava o

⁵ Esta experiência ocorreu nos EUA no Século XVIII, liderada pelo pastor John Wesley, ex-anglicano que se tornara Metodista. A essência do avivamento está na ênfase dada à ação do Espírito Santo como instrumento de confirmação da salvação do crente manifesta na santificação (re-orientação pessoal), e evidência dos dons espirituais como falar em línguas estranhas, curas e etc.

⁶ Local onde a caravana deu início às primeiras construções. Situado próximo à Rodoviária, onde foi construído um monumento numa pequena reserva nativa. O local abrigará em breve o Teatro Municipal da cidade.

município de Londrina. Mas a instalação da cidade, conforme palavra do pioneiro Humberto Coutinho (1997), se deu no dia 10 daquele mês, em solenidade marcada pela frieza e decepção dos presentes. Isto porque, fora indicado para o cargo de prefeito alguém que nem conhecia o local e o povo residente.

O povo, em ansiosa expectativa, aguardava a nomeação de seu natural candidato. Entretanto, com surpresa geral e desengano bastante lastimável, apresentou-se no povoado, inesperadamente, o dr. Joaquim Vicente de Castro para empossar-se e assumir o cargo de prefeito de Londrina..., sucedendo ainda que o nomeado, era pessoa completamente desconhecida no local. (p.8).

A inauguração da ponte ferroviária sobre o Rio Tibagi em 1935, possibilitou a chegada do trem à Londrina, representando um marco no desenvolvimento da cidade, que a partir daí ganhou grande impulso em sua organização social: Iluminação pública, Correios, Hospital, transportes, cinemas, escolas, Associação Comercial de Londrina (ACIL), igrejas, etc. (BONI, 2004).

Os registros históricos apontam que, já em 1932, chegara à Londrina sua primeira moradora, Maria Thereza Vieira, membro da IPI - Igreja Presbiteriana Independente⁷ que viera de Minas Gerais, “arriscar” a vida em Londrina com o esposo e 08 filhos. Após abrir um açougue onde trabalhava toda a família, Maria Thereza soube que chegara à Londrina uma outra família de evangélicos. Era a família do senhor Herculano de Almeida Sampaio, chefe de uma família negra. Com ele, Maria Thereza organizou a primeira IPI de Londrina. (SCHWARTZ, 2004).

Já neste episódio percebemos dimensões da intercultura. O encontro entre as famílias de Teresa e Herculano é marcado pela distinção de raça e gênero, elementos diferenciadores de grande conflito para época (ainda com repercussões na atualidade). Ora, os líderes eram uma mulher branca e um homem negro. Qual o elemento neste encontro que possibilitou o diálogo e a conseqüente ação de caminharem juntos? O que estava em jogo não eram as citadas diferenças, mas a necessidade de organizar o exercício da fé. A necessidade e o desejo coletivos de se organizarem enquanto um grupo que tinha em comum a fé, movia os elementos daquelas famílias para negociarem suas diferenças.

⁷ Trata-se da Igreja Presbiteriana Independente, organizada em 1903, fruto de uma cisão com a Igreja Presbiteriana do Brasil. Um dos motivos desta cisão, foi o fato desta última depender financeiramente da igreja norte-americana e admitir em seu rol, membros da Maçonaria.

Em 29 de novembro de 1932, aconteceu a primeira pregação pública em Londrina, realizada pelo pastor da Igreja Metodista H. I. Lehman reunindo cerca de 40 pessoas. Ainda no dia 15 de dezembro do mesmo ano, dava início na casa do Sr. Herculano, a primeira Escola Dominical⁸. Desde então, Maria Thereza, Herculano e demais evangélicos, se dedicavam às reuniões nas casas pregando o Evangelho. Já existia na época, a presença de evangélicos das Igrejas Metodistas, Presbiterianas, Batistas e Luteranas. (PROENÇA, 2006).

Apesar da identidade reformada⁹ destas igrejas, existem peculiaridades doutrinárias e culturais, geradoras de conflitos entre estas denominações. Contudo, o fato histórico de se reunirem em torno de uma programação comum, sistemática, partilhando do mesmo espaço físico e convivendo com suas respectivas diferenças doutrinárias e culturais, indica a existência de uma identidade comum, a evangélica, dentro de um contexto de dificuldades existenciais, próprias dos desbravadores, o que contribuiu para a construção do ideal doutrinário da “unidade cristã”.¹⁰ Neste episódio percebemos que os evangélicos recém-chegados à Londrina eram caracterizados pelo pluralismo marcado pelas diferentes denominações. Neste caso, mais uma vez as diferenças são negociadas, as relações de poder ficam em segundo plano, facilitando a coesão ou unidade como chamam os cristãos.

Mais tarde, muitos destes crentes cooperaram na organização de uma escola dominical interdenominacional que funcionou na casa do irmão Herculano Sampaio, dedicado crente e membro da Igreja Independente de Santa Cruz de Rio Pardo.¹¹

De acordo com a pesquisa de Boni (2004), a primeira igreja evangélica a ser organizada em Londrina, foi a Metodista, em 04 de dezembro de 1933 e já em 1934 inaugura seu templo, uma rústica construção de madeira com 72m², onde funciona até hoje. Foi também o primeiro templo evangélico construído na cidade. Lehman era uma espécie de missionário evangelista e após a

⁸ Programa de educação cristã, desenvolvido pelas igrejas evangélicas aos domingos pela manhã.

⁹ Igrejas que tiveram sua origem no movimento de Reforma Protestante do Século XVI.

¹⁰ Ver Bíblia Shedd (1997) : Doutrina bíblica baseada na ordenança de Jesus Cristo de que assim como ele e o Pai eram um, assim deveria ocorrer com sua igreja, Evangelho de João 17: 21.

¹¹ Este é um relato feito pelo Pr. Lehman, no texto: “Londrina, a Fronteira Metodista”. Documento extraído do CDPH da Faculdade Teológica Sul-americana.

organização da igreja, cedeu lugar a Raul Gomes, primeiro pastor da Igreja Metodista em Londrina.

Em 1934, foi organizada a Igreja de Confissão Luterana, que em 1936 inaugurou seu templo de madeira no Heimtal¹², zona rural de Londrina. Dez anos depois, em 1946, eles inauguraram seu templo na cidade, na avenida Rio de Janeiro. Fato interessante, é que, durante a Segunda Guerra Mundial, os luteranos se reuniam no templo da Igreja Metodista. (BONI, 2004).

Mais uma vez, nos chama a atenção a práxis da intercultura envolvendo duas igrejas de cultura alemã, mas com traços doutrinários diferentes devido às características de seus fundadores, Martin Lutero e John Wesley respectivamente. Como ainda não tinha seu próprio espaço físico, os luteranos precisavam utilizar o espaço físico dos metodistas, no exercício da fé naquilo que os identificavam, as diferenças foram negociadas.

Já a IPB - Igreja Presbiteriana do Brasil, que até 1935, contava apenas com a presença de um membro na cidade, o baiano Fulgêncio Ferreira Neves, ganhou a presença dos mineiros Pedro Belarmino de Faria e Darcírio Egger, além dos respectivos familiares. Em novembro deste mesmo ano, por ocasião de uma visita do pastor Henrique de Oliveira Camargo, residente em Senjés-Pr., aconteceu o primeiro culto com cerca de 40 pessoas, na residência do Sr. Américo de Lima. Em 19 de julho de 1936, em novo culto dirigido pelo pastor Henrique de Oliveira Camargo, desta feita, na casa do Sr. Pedro Belarmino, foi organizada a Igreja Presbiteriana, que passou a ser chamada também de Igreja Presbiteriana Central, por causa da localização de seu templo, na Rua Benjamin Constant. (BONI, 2004).

Apesar da organização da Escola Dominical em 1932 por Maria Thereza, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente só foi organizada em Londrina em 10 de julho de 1938, e seu templo fora construído um ano antes. Neste período, a igreja contava com cerca de 120 membros e a assistência pastoral do Rev. Jonas Dias Martins, pastor negro, residente em Iepê-SP., e que visitou periodicamente a cidade de 1932 a 1937, posteriormente vindo a residir e pastorear a igreja local pelo período de 40 anos.¹³

¹² Heimtal, distrito do Município de Londrina, localizado na Região Norte. Comunidade Alemã e considerada a mais antiga da cidade.

¹³ Dados obtidos no site oficial da Primeira Igreja Presbiteriana Independente: www.ipilon.org.br, em 27 de outubro de 2007, às 22:15h.

Nesta primeira década de existência do Município de Londrina, ainda ocorreu a organização de duas importantes igrejas evangélicas. Proença e Souza (2004), registram que, em 14 de maio de 1941, foi organizada a primeira Igreja Batista de Londrina, fruto da presença de muitos batistas de outras cidades residindo aqui, especialmente membros da Igreja Batista de Ibiporã. Seu primeiro pastor foi Frederico Vitol e a igreja funcionou num salão alugado na rua Rio Grande do Norte, até dezembro de 1943, quando inauguraram o próprio templo, na rua Tupy, onde funciona até hoje sob o nome de avenida Paraná.

Também por causa da mudança de alguns de seus membros da cidade de Ibiporã para Londrina, a Igreja Assembléia de Deus aqui se instalou. Em 1939, veio de Goiás para residir em Londrina, o diácono Pedro Ferreira de Azevedo. A partir da vinda do Presbítero Carlos Mazza em 1940 e de João Amâncio em 1944, os irmãos intensificaram os cultos nas casas. Em 15 de maio de 1948, a Igreja Assembléia de Deus foi fundada. Em 23 de dezembro de 1961 o Pastor Ivo Luis de Souza assumiu a liderança da igreja por longo período e em 2005 passou para condição de pastor emérito.¹⁴

Sob o pioneirismo e liderança de evangélicos como Maria Thereza¹⁵ e Rev. Jonas Dias Martins (presbiterianos independentes), e o Rev. Zaqueu de Melo¹⁶ que chegara à Londrina em 1944 para pastorear a Igreja Presbiteriana Central, os metodistas e batistas se juntaram aos presbiterianos e criaram o Colégio Londrinense e o Instituto Filadélfia, hoje UNIFIL – Universidade Filadélfia.

Em seguida, precisamente em outubro de 1958, nascia o Hospital Evangélico, fruto do trabalho das lideranças acima citadas e do Rev. Luis Pereira Boaventura que substituiu Zaqueu de Mello, agora se dedicando às instituições de educação, citadas acima. Mais tarde, o pastor e professor Zaqueu de Mello elegeu-se Deputado Estadual, além de ter ocupado diversos cargos públicos.¹⁷

Após a organização destas primeiras igrejas, foram chegando os respectivos pastores, os quais expressavam preocupação com seus membros,

¹⁴Dados obtidos no site oficial da Igreja Assembléia de Deus: www.assembleiadedeuslondrina.com.br, em 29 de outubro de 2007, às 18:25h.

¹⁵ Entrevista realizadas por SCHWARTZ (2004), relatam que ela “vivia para a igreja”, reconhecida como a primeira mulher a trabalhar com crianças carentes em Londrina. Ela visitava pessoas pobres, doentes, inclusive participou da criação do Hospital Evangélico e da Santa Casa de Misericórdia, pertencente a Igreja Católica Romana.

¹⁶ Pelo seu envolvimento e serviços prestados à educação, foi homenageado em 1985 com a inauguração do “Teatro Zaqueu de Mello”, localizado no prédio da Biblioteca Municipal de Londrina.

¹⁷ Informações obtidas em entrevista à Sr^a Elzi de Almeida Ferreira, historiadora e líder da SAS-Sociedade Auxiliadora de Feminina da Igreja Presbiteriana Central.

zelando da doutrina de suas igrejas. Uma vez organizadas as igrejas de diferentes denominações começam a aparecer os conflitos em torno especialmente das diferenças doutrinárias. Chamamos a atenção para o fato de que, até então, tais diferenças ficavam em segundo plano em nome da necessidade de se organizarem como “povo evangélico”, com uma identidade coletiva em torno da unidade cristã. Surge neste momento um diferencial entre eles que diz respeito a disputa por novos adeptos.

Mas, Proença (2006) relata que foi nas décadas de 60 e 70 do século passado que surgiram os maiores conflitos religiosos por causa da diversidade de denominações e da disputa de espaço. Esta época ficou marcada pelos conflitos com a Igreja Católica que fazia forte perseguição aos evangélicos, recolhendo junto aos seus membros as Bíblias doadas pelos evangélicos, e depois queimavam.

Naquele tempo, as Bíblias vinham de São Paulo ou Rio de Janeiro [...] Quem comprava eram geralmente os crentes, aos católicos nós geralmente fazíamos doação... a população católica não tinha contato com a Bíblia, ouviam falar dela nas missas, que eram feitas em latim.¹⁸ (PROENÇA, 2006, p.37).

Do lado evangélico, as ações não eram menos intempestivas. Motivados pela evangelização e o conseqüente crescimento que esta igreja vinha tendo nas primeiras décadas, algumas ações provocavam o acirramento e disputa por fiéis entre as igrejas.

Aos domingos, quando havia uma aglomeração maior de pessoas na cidade, líderes evangélicos estrategicamente voltavam os alto-falantes fixados no topo dos templos, na direção da Igreja Católica, antes ou após a missa, fazendo leituras da Bíblia e pregações que denunciavam principalmente a idolatria.¹⁹ (PROENÇA, 2006, p.38)

Ao final da década de 70 do século passado, as relações entre os evangélicos e católicos foi progressivamente melhorando, principalmente por causa do diálogo entre alguns de seus principais líderes: Dom Geraldo Magela, Arcebispo

¹⁸ Este depoimento foi dado por Georgino Matias de Freitas, residente em Londrina desde 1943, comerciante.

¹⁹ Idem

de Londrina e hoje, Arcebispo Primaz do Brasil, Reverendo Jonas Dias Martins e o Reverendo Zaqueu de Mello. Trataremos mais à frente desta questão.

Com o crescimento vertiginoso da cidade nas décadas de 50 a meados de 70 do século passado, cresceu também o segmento evangélico. Na época, Londrina tornou-se conhecida como “Eldorado”, devido à prosperidade e crescimento ilimitado que aqui reinava, mas que também surgiam novos desafios no âmbito sócio-econômico e cultural. Realidade que, segundo Proença e Souza (2004), contribuiu para ascensão do pentecostalismo e neopentecostalismo na cidade.

A abrupta urbanização de Londrina, como observado anteriormente, formou o ‘terreno social fértil’ para o desenvolvimento de novas expressões de fé evangélica. O desenvolvimento de cultos populares, de estilo pentecostal e neopentecostal, sobretudo entre as camadas sociais mais pobres da cidade de Londrina, passaram a oferecer respostas à aflição das situações de crise a que a população urbana passou a estar submetida em tal contexto. (p.55).

Campos (1997), ao analisar o fenômeno pentecostal e sua influência na sociedade, afirma que “*no decorrer dos anos 60 e 70, houve uma mudança muito importante no comportamento político dos pentecostais*”, principalmente através das igrejas O Brasil para Cristo e a IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, que passaram a desenvolver métodos internos visando uma maior inserção social.

Os agentes religiosos não mais conseguiam se manter dentro do círculo religioso, estilo contracultura, e passaram a assumir uma posição pró-Cultura. A partir de então eles passam a organizar as demandas do laicato, introduzindo-se dessa maneira a vontade religiosa deles na ordem política da sociedade. Nas palavras de Niebuhr (1967) deixou-se de lado a postura ‘Cristo contra a Cultura’ para se aceitar e lutar por um ‘Cristo da Cultura’, obviamente, da cultura norte-americana. (p.460).

Este contexto que favoreceu o crescimento das igrejas evangélicas em Londrina, principalmente as pentecostais e neopentecostais, revela a dimensão da intercultura no plano denominacional e político-econômico, já que a presença destes grupos gerou conflitos e disputa de poder entre as demais culturas religiosas da cidade, além de representar a ascensão social da classe baixa representada pelo segmento pentecostal.

Desde então, com um contexto social altamente favorável ao crescimento de igrejas com perfil pentecostal e neopentecostal, surgiram em Londrina algumas Igrejas. Uma delas foi a Igreja Nova Aliança, através do trabalho missionário do casal de pastores, Samuel e Lygia de Souza, além do casal americano, Leslie e Velma Dickerson. Hoje, ela é uma das maiores igrejas evangélicas de Londrina, com grande atuação na área social. Na década de 80 do século passado chegou a Igreja Universal do Reino de Deus com características de centralização doutrinária e administrativa, liderada no âmbito nacional pelo Bispo Edir Macedo. Esta igreja tem considerável poder econômico no Brasil, e em Londrina não foi diferente, pois adquiriu diversos imóveis e arrendou uma emissora de rádio Gospel FM. Neste mesmo período surge a Igreja de Missões Mundiais, cujo líder em Londrina é o pastor Benedito Santos Rosa, um negro muito conhecido na cidade, por usar seu estilo “gentil”²⁰ para dialogar com as mais variadas lideranças religiosas e políticas da cidade. (Proença, 2006).

Com base nos relatos sobre a presença dos evangélicos na história de Londrina, observamos que tal participação foi determinante para o desenvolvimento da Região. Santos (2006), registra em sua pesquisa as palavras do historiador Jorge Cernev:

A presença dos evangélicos tem sido marcante no Norte do Paraná onde eles têm experimentado um grande avanço na propagação de sua fé, ocorrendo também uma ativa participação nas atividades políticas, econômicas e culturais. Além dos postos eletivos, juízes, promotores delegados e diversos outros cargos tem sido ocupados por protestantes.²¹ (p.16).

Segundo Santos (2006), esta declaração foi feita à Revista Cruz de Malta, da Igreja Metodista em São Paulo, editada em janeiro de 1957 sob o título: “Londrina é a Capital Protestante do Brasil”. Esta fama foi desenvolvida ao longo dos anos dada à inserção dos evangélicos na vida da cidade e o próprio crescimento numérico das igrejas.

Pesquisa realizada pela SEPAL – Serviço de Evangelização para América Latina, em 2000, constatou que existia na época em Londrina, 412 templos

²⁰ Traço cultural da identidade brasileira, descrita por Sérgio Buarque de Holanda e seu tipo “homem cordial”. Sobre isto, ver “Raízes do Brasil”, 1984, do mesmo autor.

²¹ CERNEV Jorge. Memória e Cotidiano. IPAC/Lda/Uel-1995, p.118.

evangélicos.²² A cidade conta ainda com cinco faculdades teológicas: Seminário Antonio de Godoy Sobrinho - STAGS, Instituto e Seminário Bíblico em Londrina - ISBL, Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL, Seminário Paulo VI e Pontifícia Universidade Católica - PUC, e Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA, além de outros centros de estudos que oferecem cursos na área de educação cristã, contribuindo para formação de líderes, pastores, evangelistas e missionários.

Selma Frossard Costa (2004), Assistente Social e membro da Igreja Presbiteriana Central, ao escrever sobre “*A Ação Social da Igreja Evangélica em Londrina*”, registra com base em pesquisa da SEPAL, realizada em 2002, que: de 152 igrejas entrevistadas, 79 destinam verbas orçamentárias à projetos sociais; 148 igrejas prestam auxílio à seus membros, desde cesta básica, a doação de medicamentos, auxílio para contas de água, luz, transporte etc.

Apesar de avaliar como boa a atuação da igreja evangélica na cidade, Costa (2004) caracteriza a mesma como assistencialista e concentrada nas áreas da educação infantil e drogadição:

A atuação das igrejas evangélicas em Londrina caracteriza-se como forte em assistência social geral, educação infantil e drogadição; média em ações de apoio sócio-educativo, idoso e abrigo; fraca na área da saúde, pessoas portadoras de deficiência, população de rua e iniciação profissionalizante; apresentando nenhuma atuação com população indígena, mulheres, capacitação e encaminhamento profissional. (p.135).

A trajetória da igreja evangélica em Londrina se deu em resposta às condições sociais de vida na cidade, à identificação com elementos da cultura brasileira, às inovadoras estratégias de comunicação do evangelho e aos novos perfis pastorais. Uma trajetória marcada por aspectos teológicos em íntima relação com aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais, o que torna impossível analisá-lo apenas sob um desses olhares. Tal análise, requer um olhar multidisciplinar, que identifique as dimensões da intercultura, presente no conjunto desses aspectos formadores de identidades.

2.2 HISTÓRIA DO CPEL E SUA PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE

²² Dados da pesquisa editada no livro “Revolução Silenciosa” 2004, p.67.

Vimos até aqui, a relevante participação dos evangélicos na origem e desenvolvimento de Londrina. Este segmento é composto por Igrejas, Associações Benéficas, Centros Educacionais, Conselho de Pastores, e outros. Destacamos a década de 40 do século passado como um período de grande impulso para o segmento evangélico, em um contexto de crise nacional do pós-guerra, onde muitos trabalhadores migraram para Londrina, na esperança de aqui conquistar se não riqueza, pelo menos uma vida próspera e digna.

Mas, esta migração gerou também muitos conflitos e exploração por parte de especuladores que tiravam proveito da população mais pobre, alguns recém-chegados.²³ Neste contexto, houve o surgimento de novas igrejas, principalmente pentecostais, com doutrinas diferentes das primeiras igrejas já organizadas gerando conflitos entre os pastores que lideravam as respectivas igrejas.

A inserção da cultura pentecostal no cenário religioso londrinense, tornou manifesta a dimensão cultural de disputa pelo poder junto às lideranças religiosas, sendo um dos fatores de motivação para criação do CPEL.

Foi então, quando, no dia 12 de outubro de 1943, cinco pastores se reuniram na casa do Rev Thomas Newton Clinckskales, para discutir estes problemas nas esferas política, econômica, social e espiritual. Foram eles: Jonas Dias Martins, da Primeira IPI; Rui Carneiro Giraldes, do Instituto Bíblico; Henrique de Camargo, da IPB Central; Thomas Newton Clinckskales, da Igreja Batista e Roderick Davies, da Igreja Metodista. Nesta reunião, lavrou-se a primeira ata do CPEL²⁴. Entre outros temas discutiu-se sobre um convite feito pela Rádio Difusora para o CPEL dirigir um programa chamado “*A hora sagrada*”, o que se tornou realidade, sob a direção do Rev Henrique Camargo.

No ato de criação do CPEL, identificamos a diversidade cultural marcada pela composição do mesmo a partir das 05 instituições religiosas representadas por seus respectivos líderes. Notamos também a capacidade de negociarem diferenças, visto que estavam motivados pelo objetivo maior de formação da referida entidade.

²³ Reportagem registrada no Jornal Paraná Norte, ano X, em 07 de outubro de 1943.

²⁴ Registro encontrado no livro de Atas nº 01, p.01, datado de 12 de outubro de 1943, do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina.

Os anos seguintes foram marcados por intenso trabalho de pregação do Evangelho em praças públicas, autofalantes das igrejas e no programa de rádio da emissora Difusora. Em um dos livros de atas²⁵ do CPEL de 1946, há um registro interessante: Havia surgido um movimento nacional “Pró-Estado Leigo” que reivindicava a separação entre Estado e Igreja, já que, até então, a Igreja Católica era reconhecida como Igreja oficial. Os pastores então decidiram apoiar o movimento, mas sem participar das manifestações, por entender que não era um assunto religioso e sim político.

Neste episódio, encontramos a contradição enquanto dimensão da intercultura, pois sendo os evangélicos minoria social, há que se surpreender com o fato destes não se mobilizarem em prol de um Estado laico. Talvez a cultura de subalternidade a que se refere Falteri (1998), explique o não envolvimento dos pastores neste movimento.

De acordo com a pesquisa de Santos (2006), no ano de 1946, o CPEL já contava com a participação do pastor e professor Zaqueu de Mello, que, juntamente com os demais pastores, criaram a Sociedade Cristã Beneficente composta pela Primeira IPI, IPB Central, Batista e Metodista, onde cada igreja possuía um determinado número de cotas de ações. Neste mesmo ano deu-se início a arrecadação de fundos para construção do Hospital Evangélico de Londrina. Santos (2006) destaca como positiva a decisão dos pastores em promover um intercâmbio de púlpitos, no qual, cada pastor pregaria na igreja de um colega, com objetivo de aumentar a comunhão e unidade entre os pastores e conseqüentemente entre as igrejas.

O ato de organização da Sociedade Cristã Beneficente e o intercâmbio de púlpitos²⁶ entre os pastores, revela que a intercultura se manifesta de maneira saudável quando não há opressão cultural (Mariz, 2002). É possível apontar perspectivas e propostas educativas que promovam formas emancipatórias de integração:

A busca de criar contextos que favoreçam a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos, assim como a relação entre os seus contextos sociais e culturais constitui o horizonte da Educação Intercultural. (FLEURI,1998, p.9).

²⁵ Registro de Atas nº 01, datado de 1946.

²⁶ Tribuna ou local de onde os pregadores anunciam suas mensagens no interior do Templo.

Santos (2006) também faz referência a atuação do CPEL na área educacional. O mesmo promoveu uma série de palestras com o Sr. Olavo Ferreira da Silva, então representante do Instituto de Cultura Religiosa, em diversos lugares da cidade, dentre eles a sede da ACIL. Ainda na área da educação, em 1966 e sob a presidência do pastor Ivo Luiz de Souza, da Igreja Assembléia de Deus, o CPEL organizou um curso de Teologia para leigos. Outras ações também foram desenvolvidas na cidade, como por exemplo o diálogo com representantes do poder público e políticos do Estado.

O Conselho de Pastores em Londrina sempre foi bem aceito e respeitado, tanto que vários candidatos que passavam por Londrina vinham pedir oração, dentre eles pode ser citado o candidato a Deputado Federal, Antonio de Matos e também o Deputado Igo Losso de Curitiba que em 1970 (um mil novecentos e setenta), estiveram presentes em uma das reuniões para falar da importância dos evangélicos na política e como poderiam ajudar as igrejas se houvesse apoio dos evangélicos. (p.27).

Durante os anos 70 do século passado o CPEL enfrentou séria crise por causa das disputas envolvendo líderes pentecostais e tradicionais. De acordo com Santos (2006), cogitou-se até mesmo a divisão do Conselho, mas “... *sob a direção de Deus e muito diálogo, tudo ocorreu sem haver desagregação, pois lutaram muito pela união, fortalecimento da igreja e acima de tudo comunhão entre os pastores, mesmo que as formas de culto fossem diferentes.*”²⁷

As ações narradas acima na área da educação, bem como os diálogos entre autoridades do campo religioso com o campo político, evidenciam a existência de identificações e diferenças, que permeiam as relações sociais. Para Silva (2000) este processo não ocorre de maneira harmoniosa, em um campo sem hierarquias, pois identidade e diferença são disputadas e estão, em estreita conexão com as relações de poder.

O destaque da década de 80, segundo Santos (2006), além das campanhas de evangelização, foi à elaboração do primeiro estatuto do CPEL, lido pelo Rev Arno Degau e aprovado em reunião realizada no dia 01 de julho de 1986.²⁸ No mesmo ano, mais precisamente em 28 de novembro, em reunião presidida pelo

²⁷ Entrevista realizada pela pesquisadora com o Bispo Rosalino Domingos, Bispo da Igreja Metodista Central em Londrina.

²⁸ Registrado no livro de atas do Conselho em 07/07/1986, folhas 1 a 4.

Rev Osni Ferreira, decidiu-se pelo encaminhamento ao Congresso Nacional, de algumas sugestões para a reforma da Constituição brasileira. Uma pequena demonstração de que o CPEL estava sempre preocupado com sua atuação no âmbito social e político.

Mostrar-se preocupado com a reforma constitucional, revela o compromisso do Conselho de Pastores com a construção de um projeto comunitário, dimensão mais complexa da intercultura na opinião de Falteri (1998), que se dá no encontro com o outro.

É aqui que a intercultura ganha um sentido mais complexo [...] um projeto comunitário que torne o mundo utilizável e doméstico, no qual seja possível o “appaesamento”, ou seja, o “sentir-se em casa” – o reencontrar-se em um horizonte de significados – e a contínua regeneração do existir como centro de iniciativa. (p.39).

Em entrevista ao Rev João Marcos Martins Ribeiro,²⁹ que também conviveu com o Rev Jonas Dias Martins, ouvimos o seguinte relato sobre a imagem que a cidade tinha do Conselho de Pastores na época do Rev Jonas:

Os primeiros pastores de Londrina tiveram um papel impactante na cidade, influenciando as ações da igreja. Por isso desenvolveu-se uma imagem de Londrina como sendo uma cidade de evangélicos. O Conselho de Pastores está vinculado a esta história. Quando se falava no Conselho de Pastores de Londrina, a gente prendia até a respiração, era muito respeitado, muito atuante, havia harmonia entre seus membros.³⁰

Perguntado sobre o papel desempenhado pelos Pastores Jonas Dias Martins e Zaqueu de Mello, na cidade de Londrina, o pastor entrevistado João Marcos Martins disse o seguinte:

O Rev Jonas na verdade foi o Pastor de Londrina durante muitos anos, ele foi o pastor! Profº Zaqueu de Mello talvez tenha sido o professor de Londrina, mas o Rev Jonas foi o pastor de Londrina durante 30 anos, ele e o Arcebispo Dom Geraldo Magela. Quando a cidade tinha alguma coisa importante para decidir, para resolver, as pessoas iam pedir a benção a ele

²⁹ Filho do Rev João Batista Ribeiro Neto, companheiro de viagens ministeriais do Rev Jonas Dias Martins, ambos, pastores da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Londrina.

³⁰ Anexo F, entrevista realizada em 16/10/2007, no Templo da Primeira Igreja Presbiteriana Independente.

e ao Dom Geraldo. Rev Jonas também tinha uma boa relação com Dom Geraldo, eles se visitavam com frequência.³¹

O Rev João Batista Ribeiro Neto, que participou do CPEL, nas décadas de 60 e 70, também contribuiu para que o mesmo tivesse importância na sociedade londrinense. Segundo seu filho, Rev. João Marcos, o Rev João Batista que já tinha sido vereador na cidade de Assis, interior de São Paulo, era muito participativo da vida pública e aqui em Londrina, filiou-se ao MDB – Movimento Democrático Brasileiro, atual PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, participando de campanhas eleitorais e incentivando seus colegas do CPEL a tomarem posição diante das questões sociais e políticas, porém, não usava o espaço da igreja para fazer política, respeitava as pessoas que pensavam diferente dele, inclusive o Rev Jonas, com quem divergia no campo político³².

Constatamos em nossa pesquisa a escassez de documentos no interior do CPEL, são poucas atas e os registros dos principais fatos históricos desta instituição, devem ser resgatados através de depoimentos junto àqueles que foram protagonistas e ainda vivem.

O sociólogo Alexandre Brasil Fonseca (2004) utilizando-se dos dados coletados pela SEPAL³³ no período de 2000 a 2003, traçou um perfil dos pastores de Londrina e sua presença na sociedade. Eis alguns resultados da pesquisa feita junto a 165 pastores da cidade:

Quanto ao gênero, apenas 2% são do sexo feminino, ou seja, três pastoras contra 162 pastores. Observa-se aí a predominância do sexo masculino, evidenciando a cultura sexista, patriarcal no interior do CPEL.

Quanto à participação na política partidária, dos 13 pastores que indicaram os partidos políticos, 4 são do PT, outros 4 do PDT – Partido Democrático Trabalhista, mostrando aí uma tendência de opção aos partidos identificados na época como de esquerda.

Quanto à participação dos pastores na campanha eleitoral de 2000, a pesquisa revela que os pastores pentecostais se diferem dos tradicionais em três atividades: estiveram mais presentes na oração por candidatos e na prática de pedir votos para estes. Em contrapartida, os pastores tradicionais manifestaram mais

³¹ Idem

³² Idem

³³ Serviço de Evangelização para a América Latina.

interesse pelos debates sobre as eleições. Por fim, os pentecostais participaram menos dos comícios que os tradicionais.

Apesar da forma distinta de participação no processo eleitoral, ela é muito positiva, isto porque, nas décadas de 60 a 80, houve um distanciamento da participação política no interior do meio pastoral. Isto se deve a campanha ideológica desenvolvida pelos Estados Unidos durante a “guerra fria”, em que se colocou o comunismo associado ao demônio, por conseqüência, tornando a atividade política pertencente ao mundo profano.³⁴

O destaque fica por conta do alto índice de rejeição entre os pentecostais à candidatura de Luis Inácio Lula da Silva e a alta aprovação do candidato Anthony Garotinho junto aos pentecostais e tradicionais. Dados de junho e julho de 2002, após este período, houve significativa mudança de opinião deste eleitorado.

Num primeiro momento das eleições, a tendência de voto em favor do candidato evangélico Anthony Garotinho, deveu-se ao fato deste, comunicar e valorizar junto ao eleitor evangélico, a categoria de pertencimento a cultura evangélica. Tendência posteriormente alterada em decorrência dos debates e esclarecimentos no interior deste segmento.

Em resposta à pergunta sobre o que seria necessário para termos um Brasil transformado pelo evangelho, o destaque fica por conta do valor negativo dado pelos evangélicos tradicionais quanto a maior presença de evangélicos na política. Nos demais pontos, tradicionais e pentecostais estiveram próximos da importância dada às respectivas ações.

Em 2006, fruto de reivindicações de seus membros que manifestaram o desejo de um Conselho mais atuante e contextualizado na cidade, o CPEL promoveu uma reforma estatutária. Destacamos aqui a inclusão da Alínea a, do Artigo 3º, do Capítulo I, texto que contempla a diversidade doutrinária de seus membros:

Capítulo I

Denominação, sede, foro, duração e finalidade

Artigo 3º - O Conselho de Pastores (as) Evangélicos de Londrina, tem as seguintes finalidades:

³⁴ Sobre esta estratégia ideológica, ler “Os demônios descem do Norte” de Delcio Monteiro de Lima, Ed. Francisco Alves, 1987.

- a)** Promover e desenvolver a unidade de seus membros, o espírito de companheirismo e fraternidade, de acordo com os propósitos da Igreja de Jesus Cristo, respeitadas as particularidades doutrinárias de seus membros;
- b)** Criar condições favoráveis à koinonia cristã, levando os seus membros a uma compreensão melhor da unidade do Corpo de Cristo;
- c)** Promover Encontros, Seminários, Jornadas, Oficinas e Congressos, visando o despertar e fortalecimento doutrinário e social dos seus membros;
- d)** Criar comissões permanentes e temporárias para atuar junto à Diretoria, nas suas mais diversas funções;
- e)** Firmar posição pública, no exercício do ministério, em defesa da ordem espiritual, social, moral, política e econômica que venha, porventura, a reclamar atenção em suas respectivas áreas;
- f)** Orientar e assessorar pastores (as) e líderes que demonstrem interesse em pertencer a este Conselho.³⁵

Esta reforma estatutária, pode ser vista como grande avanço no CPEL com vistas ao seu papel na sociedade londrinense. Ao estabelecer as finalidades acima, como: unidade, companheirismo, fraternidade e comunhão (koinonia), o CPEL utiliza dimensões da intercultura que contribuem para sua formação política. Isto porque, dada a diversidade cultural dos pastores de diversas denominações, suas relações no interior do CPEL, se dá também através de conflitos, tornando necessário a administração destes de forma conciliatória e inclusiva.

Vemos ainda, que as finalidades do CPEL não se restringem ao âmbito das relações internas e comunhão de seus membros, mas são dimensionadas para o âmbito de toda sociedade londrinense, consciente do dever de influenciar tal sociedade com seus valores éticos.

³⁵ Texto extraído do Estatuto do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina. Anexo A.

CAPÍTULO III

DIMENSÕES DA INTERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO CPEL

Por tudo que vimos até aqui, podemos concluir que a intercultura é o encontro entre culturas diferentes que acontecem de forma pacífica ou conflituosa, ou ainda com a presença ao mesmo tempo dos dois aspectos: conflito e passividade. Podemos afirmar ainda que a intercultura é um fenômeno histórico e faz parte do processo de formação de homens e mulheres nas diferentes áreas da vida. No entanto, ao considerarmos as palavras de Falteri (1998), quando esta diz que a perspectiva intercultural começa somente quando se criam as condições para a troca; é possível advogar a favor de um processo de formação na perspectiva

intercultural. Uma formação que considere os conflitos, o encontro com o diferente, mas que também promova emancipação e transformação.

Isto é possível quando as pessoas envolvidas no processo de formação estabelecem relações de reciprocidade, quando, no reconhecer o outro, nos tornamos conscientes da nossa própria cultura. É o caminhar do “sujeito epistemológico”. Isto não é tarefa fácil, demanda uma forma de pensar que olhe para as práticas cotidianas, não como óbvias e rotineiras, mas como possibilidades de aprendizagem. Isto é tarefa ainda mais difícil quando os temas da religião e da política se misturam. No entanto, Falteri (1998) propõe como desafio que os modelos educativos institucionais, nos seus micro e macro níveis, se abram ao “escândalo do encontro com o outro”.

Entendemos o CPEL como um modelo de instituição educacional que possibilita aos seus membros a aprendizagem de saberes das mais diversas áreas, tendo como intencionalidade o aperfeiçoamento de ações em torno da fé cristã. Uma destas ações é a política, que não acontece descolada das demais, daí seu caráter intercultural. Neste sentido, caracterizamos como processo de formação política, toda e qualquer atividade que contribua para o conhecimento a cerca da realidade concreta do mundo em que estamos inseridos, visando a organização de uma práxis transformadora e mais humanizada.

Considerando os pressupostos acima, a pretensão neste capítulo, é identificar as dimensões da intercultura passíveis de repensar o processo de formação política do CPEL. Para isso, primeiro abordaremos a identidade do CPEL, destacando a marca do hibridismo, dos conflitos e das relações de poder. Em seguida abordaremos as possibilidades no processo de formação política, com destaque para a alteridade, a solidariedade e o ecumenismo. E finalmente o anúncio de uma ética que possibilite uma ação política a favor da vida humana.

3.1 IDENTIDADES DO CPEL – “O SUJEITO EPISTEMOLÓGICO”

Conforme vimos no capítulo anterior, a história de Londrina está intimamente relacionada à história dos evangélicos na cidade, na qual o CPEL é um capítulo importante. Na opinião da pesquisadora Marcia Xavier (2003), ao longo da

história da sociedade brasileira, os evangélicos foram caracterizados como um segmento extremamente etnocêntrico e alienado. Hoje, no entanto, o seu crescimento e envolvimento nas mais diversas áreas sociais, são objeto de análise de muitos estudiosos, não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Para falar da identidade do povo evangélico, Xavier (2003) utiliza uma pesquisa feita por Fonseca (2000). Ambos entendem que a diversidade de caminhos que representa o 'ser evangélico' ou 'protestante', onde a identidade é construída em alteridade, sempre em relação ao outro, possibilita a construção de trocas e diálogos possíveis ou impossíveis:

O conceito de identidade nos ajuda a considerar a diversidade regional, étnica, os diferentes trabalhadores "autônomos" e toda a "tradição subterrânea" relacionada à religião presente em nossa sociedade. Quais relações estabeleço me assumindo como pentecostal? E como protestante? Evangélicos? Temos de ter claro esses valores e as relações que são intrínsecas a essas opções. (FONSECA, 2000, p.53).

O que se tem é um contexto de forte evidência social dos evangélicos, uma das minorias mais ativas no Brasil e que se encontra disseminada por toda a estrutura social, ampliando as possibilidades de participação, possibilitando a superação dos pré-conceitos. Entendemos que este processo pressupõe um caminho de aprendizagem, por isso nos chama a atenção o "sujeito epistemológico" (OLIVEIRA 1993). O sujeito do conhecimento que em relação com o outro constrói sua identidade seja ela no âmbito individual ou coletivo.

Segundo Silva (2000), na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o termo hibridismo refere-se à mistura, a conjunção ou intercuro entre diferentes nacionalidades ou etnias, provocando alterações em sua identidade original. Desta forma, é possível caracterizar o CPEL como um grupo potencialmente híbrido, formado por membros oriundos de diferentes etnias, denominações, gênero, idade, nível educacional e econômico. Por isso, o CPEL é constantemente desafiado em seu cotidiano a conviver com os diferentes movimentos evidenciando assim uma dimensão da intercultura no seu meio. Este processo não apenas reconhece o diverso e o diferente, mas, pode tornar-se instrumento de capacitação para apreender a diferença e conviver com ela, bem como confrontá-la por exigência ética. (XAVIER, 2003).

A organização do CPEL começou com 05 pastores (1943), hoje possui 172 nomes cadastrados. Ao analisá-la, percebemos que existem pastores que são filiados, cujos nomes não constam na lista, e outros apesar de ter seus nomes cadastrados, não são operantes, alguns até já deixaram a cidade. Esta observação, fez com que o atual Secretário Executivo do CPEL, Rev Eduardo Corcini, pastor auxiliar da Igreja Nova Aliança, promovesse uma campanha de atualização do referido cadastro, que inclusive está em curso.

De acordo com a pesquisa da SEPAL³⁶ que identificou 165 pastores na cidade, o número de 172 constante na lista do CPEL, apesar de desatualizada, indica grande proximidade do real. Em nossas observações de campo, em reuniões do CPEL, constatamos uma média de 50 pastores presentes. Este universo é bastante representativo, com mais de 20 denominações diferentes, desde as consideradas históricas, às pentecostais e neopentecostais, caracterizando um quadro de diversidade. Esta realidade foi corroborada pela análise de dados obtidos através de questionários aplicados a alguns membros do CPEL, ao todo 12 pastores.

Os pastores entrevistados revelam a marca da diversidade de 09 denominações religiosas. Ao mesmo tempo em que são influenciados, acabam por influenciar suas respectivas comunidades no processo de formação política, visto que, cada uma destas denominações, traz consigo toda uma bagagem cultural na interpretação de seus símbolos religiosos em diálogo com a realidade social.

Quanto à questão geracional, a faixa etária dos entrevistados varia entre os 40 e 66 anos. Já na questão de gênero, percebemos a pequena presença de mulheres, no total, 03 pastoras, portanto a predominância de uma lógica masculina no processo de formação.

No quesito formação acadêmica, 58% são de nível superior, e 33% possui pos graduação. Aliado a esta realidade está o fato de que cerca de 70% dos entrevistados desenvolvem outras atividades além do ministério pastoral (nas áreas da educação e assistência social); o que pode possibilitar um agir diferenciado em torno das questões políticas tanto no âmbito do CPEL, como na relação com a sociedade.

A constituição do CPEL revela uma rede de relações que se configura no encontro entre diferentes sujeitos e diferentes contextos. Uma rede de

³⁶ Pesquisa realizada pela SEPAL em Londrina no ano de 2000.

relações onde estão presentes o conflito e as relações de poder. A emancipação e autonomia nesta rede de relações é a construção do diálogo. Uma das formas de estabelecer este diálogo é a negociação. Neste sentido, observamos por parte do CPEL, o texto do Estatuto que estabelece quem são os membros do CPEL, como são admitidos, bem como seus direitos e deveres para com a entidade:

Capítulo II

Dos membros, admissão, demissão, direitos e deveres.

Artigo 4º São considerados membros do Conselho de Pastores(as) Evangélicos de Londrina, todos os pastores e pastoras já cadastrados, como tal, inscritos nesta data e aqueles (as) que forem apresentados (as), formalmente, pela Diretoria e aprovados (as) em reuniões ordinárias que se realizam mensalmente.

Parágrafo Primeiro: Para se tornar membro deste Conselho de Pastores o (a) pretendente deverá ser apresentado (a) por dois ou mais pastores-membros, e preencher a respectiva ficha de inscrição.

Parágrafo Segundo: Para o efeito do parágrafo primeiro, acima, o pretendente – pastor ou pastora -para habilitar-se à inscrição, deverá apresentar declaração comprobatória de filiação da denominação a que pertence, seja igreja ou instituto;

Parágrafo Terceiro: O membro (a) deste Conselho se obriga a participar das reuniões mensais e daquelas para as quais seja convocado (a), devendo contribuir anualmente com o equivalente a 10% (dez por cento) do salário mínimo e satisfazer ao recolhimento do valor da inscrição a ser estabelecido pela Diretoria;

Artigo 5º - O desligamento, exoneração ou demissão de membros deste Conselho de Pastores se dará nos seguintes casos:

- a)** A pedido do interessado (a), por escrito;
- b)** Por exclusão ou exoneração das funções pastorais da sua denominação, se por indisciplina;
- c)** Por transferência para outra cidade ou estado que impeça atender as exigências de quaisquer das cláusulas mencionadas neste Estatuto;
- d)** Ausência às reuniões, pelo espaço de 12 meses, sem motivos justificáveis;

Artigo 6º - Os membros do Conselho de Pastores (as), de que trata este Estatuto, gozam das seguintes prerrogativas:

- a)** Participar das comissões a que forem designados (as); das reuniões mensais e das assembléias;
- b)** Poderão concorrer a cargos na Diretoria e no Conselho Fiscal, votar e serem votados;
- c)** Participarão de comissões permanentes e/ou temporárias desde que indicados pela Diretoria.

d) Representarão a Presidência e/ou a Diretoria quando designados para tanto;

Artigo 7º - São deveres dos membros deste Conselho:

a) Respeitar e cumprir o presente Estatuto;

b) Comparecer e participar das reuniões do Conselho e das Assembléias;

c) Levar ao conhecimento da Diretoria qualquer ato ou fato de interesse do Conselho;

d) Zelar pela unidade do Corpo de Cristo;

e) Recolher as taxas de inscrição e anuidades.

Ao promover a última reforma estatutária (2006), entre outras questões, o CPEL buscou conscientizar seus membros a cerca de seu compromisso com a entidade. Na organização da sua dinâmica, o CPEL se reúne em caráter ordinário, todas as primeiras terças feiras de cada mês³⁷, mas seu escritório funciona em uma sala emprestada pela igreja Comunidade Boas Novas³⁸. As reuniões são alternadas por cultos e palestras sobre temas atuais e todas passaram a ser registradas em ata, desde o início deste ano.

O CPEL já viveu recentemente, momentos mais críticos, principalmente pela questão financeira. Suas despesas são basicamente com telefone, correspondência, secretaria e promoção de eventos, porém, sua única fonte de renda é a contribuição anual de seus membros. Em 2003, o CPEL ganhou um terreno da Prefeitura para construir sua sede, chegou a fazer o projeto arquitetônico, mas não avançou e acabou perdendo o terreno por não ter iniciado as obras de construção no período de dois anos após a doação. Este fato gerou alguns conflitos dentre os seus membros. Muitos pastores advogam a construção de uma sede própria, para que a entidade tenha um espaço físico melhor para suas atividades, mas principalmente pela questão de que o referencial físico e geográfico enquanto sede transmite mais segurança e credibilidade junto à sociedade. Diríamos, um estado de pertencimento.

Cada diretoria eleita, tem convidado os pastores para compor as comissões de temas específicos, além de indicá-los para representar o CPEL nos

³⁷ Na Capela do ISBL, na Rua Senador Souza Naves, nº 880, Centro, Londrina-Pr.

³⁸ Na Av Celso Garcia Cid 1342, Centro, Londrina-Pr.

Conselhos Municipais. O interesse em participar destas comissões é representar o CPEL na sociedade civil londrinense, conforme demonstra o estatuto:

Artigo 15º - A critério da Diretoria poderão ser criadas comissões permanentes ou temporárias, compostas de 3 (três) membros cada uma, segundo o interesse da Diretoria do Conselho que, a seu talante, a elas dará posse:

- a) Comissão de Ética Pastoral e Relações Inter-eclesiásticas;
- b) Comissão de Educação e Saúde;
- c) Comissão de Segurança;
- d) Comissão de Política e Cidadania;

Parágrafo Único – As atribuições das Comissões serão definidas pelo Regimento Interno do Conselho de Pastores (as) Evangélicos da cidade de Londrina, que deverá ser discutido e aprovado no prazo de 12 (doze) meses a partir da aprovação do presente Estatuto.

Esta atividade tem crescido, mas ainda são poucos os pastores que têm consciência da importância do CPEL participar dos debates e decisões da vida pública da cidade. Isto se materializa na indisponibilidade dos pastores em compor as determinadas comissões, alguns por questão de agenda alegam não terem tempo, outros no entanto por não acreditarem na possibilidade do diálogo, conforme depoimento do entrevistado J.L.A.: *“Não acredito que dialogar com os não cristãos sobre política, traga melhorias. As motivações dos cristãos não é a mesma dos não cristãos na política, assim como não é em outros aspectos da vida”*. (Anexo C).

O hibridismo cultural é uma marca de nosso tempo, conhecer como este fenômeno acontece pode ser importante para formação política de determinado segmento. No caso do CPEL, como dissemos anteriormente, uma das formas de avançar no processo de conhecimento é o exercício do diálogo, tanto interno entre os pastores e suas respectivas denominações, quanto externamente, no âmbito do Conselho e a sociedade. Se por um lado o depoimento anterior indica a descrença, o depoimento de M.M. revela o contrário:

Estamos inseridos num contexto real. A religião é uma escolha livre. Compostas por pessoas, e as pessoas são importantes e devem ser respeitadas em seu estilo e escolha religiosa. No entanto, existem problemas para serem solucionados que pede com urgência a participação e solidariedade de todos. (Anexo C).

Ao falarmos em diálogo inter-religioso, partimos do pressuposto da existência do pluralismo, fruto do processo de rompimento do monopólio de uma determinada religião enquanto credo oficial da sociedade. Steil (2001), afirma que o rompimento deste monopólio pode ser quebrado tanto pelo desenvolvimento do secularismo, quanto pelo rompimento da relação Religião e Estado, gerando um quadro de diversificação do campo religioso.

Steil (2001), considera que este quadro de pluralidade de religiões é mesmo fruto de uma determinada condição estrutural da religiosidade no mundo moderno. Assim, ao passo em que a religião deixa de exercer o papel fundante do social, acaba por permitir o surgimento de diferentes grupos religiosos que atuam no nível do conhecimento e da cultura. Isto porque, o mundo em que vivemos é marcadamente plural em todos os aspectos e com a globalização da economia, esta pluralidade também alcançou o ambiente religioso.

A pluralidade e fragmentação religiosa, portanto, são frutos da própria dinâmica moderna. A secularização multiplica os universos religiosos, de forma que a sua diversidade pode ser vista como interna e estrutural ao processo da modernidade. A secularização e a diversidade religiosa estão associadas diretamente a um mesmo processo histórico que possibilitou que as sociedades existissem e funcionasse sem precisar estar fundadas sobre um único princípio religioso organizador. (STEIL, 2001, p.116).

Em meio ao pluralismo religioso, a cada ano eleitoral, surgem diversos pastores, incentivando a participação da igreja no processo político. Os argumentos são os mais diversos, desde aqueles marcados pelo fisiologismo da política brasileira, passando pelo corporativismo, àqueles que expressam compromisso de transformação social. Acontece que, este processo tem sido marcado por muitos conflitos e contradições, que afetam o universo do mundo evangélico, gerando uma participação política fragmentada, individualista e conservadora, mas também possibilidades de transformação e promoção da autonomia.

Em observação de campo, no dia 16 de outubro de 2006, no Parque de Exposições Ney Braga, diversos pastores de Londrina se reuniram para almoçar e ouvir o candidato ao Governo do Paraná, Roberto Requião. O evento contou com a presença de cerca de 400 evangélicos, dos quais, 20% eram pastores,

acompanhados de familiares e lideranças de suas igrejas. O público era predominantemente pentecostal e neopentecostal, de classe média baixa.

Perguntados sobre a participação dos evangélicos neste evento e na política, alguns entrevistados responderam³⁹:

A presença dos pastores no almoço é importante e aponta um processo de transformação, de mudança, mas ainda há resistência. A diversidade cultural é a realidade do segmento, a maioria é pentecostal. *Pr. Joed Lamônica - Igreja Casa de Oração para Todos os Povos*

A igreja se fez presente, mostrou-se unida em torno de alguns candidatos, foi ponto positivo a diversidade cultural o que pode contribuir para a formação política. Há predominância das igrejas de tradição pentecostal e neopentecostal, público que ouve e obedece a seus pastores e líderes. Há poucas pessoas do campo histórico/reformado. *Pr. Adilton Silva - Igreja Presbiteriana Renovada*

As falas dos pastores acima citados, evidenciam a dimensão do conflito e do diálogo. A reunião com o Governador e outros candidatos, envolvia interesses políticos dos mais diversos. O grupo de pastores presente era heterogêneo e a própria ausência de muitos pastores do segmento histórico do CPEL, foi interpretada por seus pares como uma questão de opção política diferente. O outro candidato ao Governo do Paraná, Senador Osmar Dias, na época possuía maior acesso junto à classe média e alta da sociedade londrinense. Segundo pesquisadores, em geral, os membros das igrejas históricas, do ponto de vista sócio-econômico, são oriundos das classes média e alta.

Foi possível observar também o aspecto fisiológico naquele encontro, desde o interesse pelo almoço que era gratuito, à possibilidade de ver sua igreja beneficiada com algum favor do Governador. Esta observação é pertinente por causa do histórico em eleições passadas, oportunidades em que estivemos acompanhando diversos candidatos durante as eleições, em visitas às igrejas, bem como o fato de estar ali algumas lideranças políticas, evangélicas, das quais, dois vereadores e um deputado estadual, que faziam a mediação entre os pastores e a autoridade maior, o Governador Roberto Requião.

A prática fisiológica dos pastores possui diversos significados, um deles é o fato de se valerem das circunstâncias em que o candidato busca o apoio e voto, para obter benefícios para a igreja. Estes benefícios variam, desde a doação

³⁹ Depoimentos registrados no relato de observação de campo. Anexo E.

de terreno para construção de templos e sedes para projetos sociais, a verbas oficiais e oficiosas a depender do caso, que são usadas na construção ou compra de equipamentos de som, etc. Ainda que identifiquemos nesta prática, uma estratégia de luta política, o fato é que ela manifesta uma contradição com os princípios éticos da fé cristã, defendidos pelos pastores no interior de suas igrejas.

No dia 31 de outubro de 2006, ocasião da posse da nova diretoria do Conselho de Pastores (2007-2008), cujo presidente eleito foi o Rev Joed Lamônica Crespo, contamos com a presença das autoridades: Dep. Federal Luis Carlos Hauly, Dep. Estadual eleito, Luis Eduardo Cheida, Frei Adelino Frigo, representando o Arcebispo Dom Orlando Brantis da igreja Católica, e outros. Estas presenças, principalmente a do representante católico, gerou certo estranhamento. Além da posse à nova diretoria, comemorou-se o dia da Reforma Protestante, com homenagem aos dois mais ilustres pioneiros evangélicos: Rev Jonas Dias Martins e Rev Zaqueu de Mello.

Destacamos neste episódio a pregação feita pela Pastora Erundina Camargo, da Igreja Casa de Oração para Todos os Povos, que se inspirou no livro de Isaías 65:17-25, para falar sobre “a cidade ideal”:

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembranças das cousas passadas, jamais haverá memória delas.

Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria, e para o seu povo regozijo.

E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem clamor.

Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado.

Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.

Não edificarão para que outros habite; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos.

Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos estarão com eles.

E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei.

O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor. (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.745).

Ela fez uma defesa do envolvimento da igreja na vida da cidade, como agente de transformação social, colocando a responsabilidade nos líderes das igrejas que têm o papel de educar o seu povo, e disse que “a igreja deve ser agente de transformação na cidade.”⁴⁰

É evidente nos fatos acima citados a dimensão do diálogo em meio aos interesses políticos e religiosos divergentes, isto é possível quando o estranhamento do encontro com o outro, não é marcado pela subalternidade de culturas e ou interesses. O espaço religioso é possuidor de uma lógica própria, cheio de contradições e diálogos possíveis e impossíveis. É no contexto de contradições e conflitos que podemos nos abrir ao escândalo do encontro com o outro. (FALTERI, 1998).

A resistência de alguns pastores em participar do almoço com o candidato ao Governo do Estado, bem como o estranhamento de outros pela presença da liderança católica em cerimônia que comemorava o dia da Reforma Protestantes são fatos que estão inseridos num contexto de relações de poder, portanto conflitivo e problemático.

Xavier (2003), usando o pensamento de Fonseca (2000), afirma que apesar das mudanças ocorridas no segmento evangélico, é inegável que as idéias, que serviram de princípio para a formação de sua identidade, ainda estão presentes no imaginário de seu povo, especialmente a evidência do proselitismo no diálogo com outras religiões, a vivência ética ascética puritana, herança da Reforma Protestante, determinante na não participação efetiva político-social, o denominacionalismo⁴¹ eclesiástico e o discurso anticatólico. Isto acontece, com muita ou pouca força, de forma implícita e muitas vezes explícita, a depender do contexto e das relações que se estabelecem, e que continuam determinando o tipo de participação que tem na/com a sociedade.

A perspectiva intercultural, de fato, começa somente quando se criam as condições para a troca, quando se estabelece uma relação de reciprocidade, quando, no reconhecer o outro, nos tornamos conscientes da nossa própria cultura. Então, deixam de ser óbvias as práticas quotidianas, as regras dadas como certas e os automatismos da rotina; nos

⁴⁰ Relato registrado no Anexo B.

⁴¹ Processo de destaque e “supervalorização” das instituições religiosas. Ex. A dificuldades de diálogo e parceria entre algumas igrejas: Batistas e Presbiterianos; Assembleianos e Luteranos, etc.

damos por conta do quão local é o saber-fazer que transmitimos, {...} É um verdadeiro desafio apenas se os modelos educativos institucionais, nos seus micro e macro níveis, se abrem ao “escândalo do encontro com o outro. (FALTERI, 1998, p.39).

3.2 POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO CPEL

Retomamos aqui a questão da identidade ou identidades do povo evangélico, chamando a atenção para a alteridade enquanto atitude indispensável para a organização de contextos favoráveis à uma formação política emancipatória. Vimos anteriormente que a diversidade de caminhos que representa o ‘ser evangélico’ ou ‘protestante’, onde a identidade é construída em alteridade, sempre em relação ao outro, possibilita a construção de trocas e diálogos possíveis ou impossíveis. É justamente neste sentido que gostaríamos de destacar a atitude de alteridade do CPEL como necessária na relação com a sociedade.

A este respeito relatamos o seguinte fato: No dia 23 de agosto de 2006, no escritório do Ministério Público, a Dr^a Edna de Paula, então Promotora da Vara da Infância e Juventude, convidou representantes das igrejas católica e evangélica para expor o quadro de violência que atinge crianças e adolescentes na cidade de Londrina. Na oportunidade, o Arcebispo Dom Orlando Brantis, representando a Igreja Católica e o Rev Edson de Oliveira Filho, representando o CPEL, se sensibilizaram com o relato da Promotora e o seu pedido de ajuda, entendendo ela que a religião, poderia auxiliar as famílias no trato de suas relações conflituosas. As famílias a que nos referimos, são aquelas que possuem membros envolvidos com o problema das drogas e da violência. Considerando o crescente índice de violência entre os jovens na cidade, os líderes religiosos se comprometeram em ajudar a partir de um trabalho conjunto que seria elaborado e desenvolvido entre as duas igrejas, nos bairros envolvidos com o quadro de violência.⁴² Posteriormente, no dia 05 de setembro de 2006, na Capela do ISBL – Instituto Bíblico de Londrina, o CPEL, em reunião ordinária, recebeu a visita do Arcebispo da Igreja Católica. O encontro foi fruto do compromisso firmado com o Ministério Público,

⁴² Relato da reunião no Anexo E.

Apesar do estranhamento de alguns pastores, que se manifestaram insatisfeitos junto ao Presidente do CPEL, de um modo geral acolheram bem a visita do Arcebispo. Dom Orlando usou da palavra para incentivar os pastores a combaterem à violência. Houve um clima amistoso e cordial durante toda a visita.

Estiveram presentes também alguns candidatos a deputado do segmento evangélico, que foram pedir apoio e votos aos pastores. Todos se disseram “vocacionados” por Deus a tal tarefa. Na pregação desta reunião, o Rev Mathias Quintela, da Primeira IPI, desafiou os pastores a “seguirem o exemplo de Jesus e se compadecerem das multidões”.⁴³

Estes dois fatos são conseqüentes, revelam a viabilidade do diálogo inter-religioso em torno de causas universais ou valores comuns. Sepúlvida (1999) indica como uma das principais motivações para o diálogo inter-religioso, que é à busca de cooperação e coordenação no desenvolvimento das missões em contexto não cristão, e a necessidade de um testemunho unido em favor da paz no dividido mundo contemporâneo, caracterizado pelas guerras mundiais.

Este diálogo inter-religioso entre católicos e evangélicos, em que pese o fato de ambos pertencerem ao cristianismo, é marcado pela existência de muitas diferenças doutrinárias e pré-conceitos das partes, de modo que, se torna valoroso tal diálogo, funcionando como estágio e expressão pedagógica da práxis ecumênica, que pode e deve ser estendida a outras religiões não cristãs. Isto, se considerarmos que a dimensão intercultural da religião cristã é o ecumenismo, o qual, segundo Santa Ana (1987), pode ser motivado pelas demandas sociais, políticas, econômicas, ambientais, que devem unir indivíduos do planeta na luta por sua preservação e pela qualidade de vida de seus habitantes.

Ao se unirem em torno de um projeto de combate à violência, católicos e evangélicos, estes, liderados pelo CPEL, demonstram atitude de alteridade e solidariedade para com o Ministério Público, cuja tarefa é zelar pelo cumprimento dos direitos constitucionais, bem como por toda a sociedade de que fazem parte. Neste episódio, foram relegadas ao segundo plano, as diferenças doutrinárias e disputa de poder no universo religioso, possibilitando que a intercultural entre católicos e evangélicos, viabilizasse determinada ação na sociedade em torno de um objetivo comum, o combate à violência.

⁴³ Relato da reunião no Anexo B.

Estas ações em torno de um objetivo comum, são facilitadoras do diálogo inter-religioso e funcionam também como um processo de formação política para os pastores, pois o contato com o outro, nestas circunstâncias, tende a favorecer à quebra de paradigmas e preconceitos, gerando conhecimento mútuo. Quanto ao processo de formação política, entendida como um projeto teleológico,⁴⁴ portanto com finalidades, nos apoiamos às palavras de Geertz (2001):

Parecemos necessitar de uma nova forma de política, uma política que não encare a afirmação étnica, religiosa, racial, lingüística ou regional como uma irracionalidade arcaica e ingênua, a ser suprimida ou ultrapassada, como uma loucura censurada ou uma escuridão desconhecida, mas que veja, como qualquer outro problema social – a desigualdade, digamos, ou o abuso de poder –, como uma realidade a ser enfrentada e modulada, com a qual de algum modo é preciso lidar e chegar a um acordo. (p.215).

Nesta perspectiva, somos desafiados a compreender que este processo formação política deve ser intencional e dinâmico, o que possibilita uma visão de mundo diferenciada. Trata-se de um movimento de ida e volta entre a perspectiva religiosa e a perspectiva de senso comum, que se desenvolve no interior do segmento com seus símbolos e rituais, que estabelece contato com a sociedade, mesmo sem compreender a estrutura social e suas contradições, respondendo algumas demandas através de crescente participação por conceber a existência de uma outra realidade, mais profunda (GEERTZ,1989).

Quando questionados sobre a possibilidade de diálogo entre as religiões cristãs 58,4% dos pastores entrevistados em nossa pesquisa, classificaram como importante, por causa da unidade cristã, dos direitos humanos e do amor. Outros 41,6% também classificaram como importante, mas atribuíram à necessidade de conhecer o outro, gerar aproximação e crescimento. Isto revela que o ideal de unidade no CPEL pode representar um ponto de partida no processo de formação política desta entidade, pois além de possibilitar a militância em torno de causas universais, o processo é gerador de aprendizagem e formador de consciência crítica.

Os pastores do CPEL, evocam o ideal bíblico de unidade na diversidade, para defender o diálogo inter-religioso. Do ponto de vista dos estudos culturais, o ecumenismo é a dimensão da intercultura no encontro entre tradições diferente tradições religiosas. No entanto o termo “ecumênico” é visto pela maioria

⁴⁴ A formação política do Conselho de Pastores, está colocada aqui como um projeto baseado em uma causa final, qual seja, a missão de serem os cristãos, agentes de transformação do mundo.

dos pastores evangélicos com certo preconceito, isto porque historicamente, foi utilizado pela Igreja Católica numa perspectiva cultural hegemônica, quando chamou para si a liderança do movimento ecumênico impondo às demais confissões a subalternidade, inclusive a igreja evangélica.

Segundo Júlio Santa Ana (1987), Ecumênico aparece na maioria dos textos bíblicos do Novo Testamento na versão grega como *Oikumene*, cuja origem, segundo ele: “*Vem de oikos, que significa casa, lugar onde se vive, espaço onde se desenvolve a vida doméstica, onde as pessoas têm um mínimo de bem-estar.*” (p.16). Nesta perspectiva, é possível admitir que existe certo estágio na prática ecumênica do CPEL, considerando que o mesmo não é homogêneo, como já dissemos, é marcadamente diverso em sua constituição política, econômica, religiosa, étnica e cultural, o que lhe permite avançar no encontro com o “outro” em torno de algo comum. É justamente nesta perspectiva que Falteri (1998) entende o encontro com o outro que é diferente, e que na dimensão intercultural, este encontro torna-se aconchegante e traz bem-estar, como se de fato nos encontrássemos no aconchego e intimidade domésticas:

É aqui que a intercultura ganha um sentido mais complexo [...] um projeto comunitário que torne o mundo utilizável e doméstico, no qual seja possível o “appaesamento”, ou seja, o “sentir-se em casa” – o reencontrar-se em um horizonte de significados – e a contínua regeneração do existir como centro de iniciativa. (FALTERI, 1998, p.39).

Sepúlveda (1999) nos esclarece sobre os determinantes históricos do uso do termo ecumenismo. Este nome é dado desde o início do século XX ao movimento de unidade ou reconciliação entre as distintas tradições confessionais em que o cristianismo foi dividido ao longo da história. Suas principais motivações têm sido à busca de cooperação e coordenação no desenvolvimento das missões do mundo não cristão, e a necessidade de um testemunho unido em favor da paz no dividido mundo contemporâneo, caracterizado pelas guerras mundiais.

Nos voltamos então para o aspecto semântico da palavra ecumênico descrito acima, para sinalizar a hipótese de um processo de desenvolvimento na prática ecumênica que transcenda as barreiras do cristianismo, motivado pelas demandas sociais, políticas, econômicas, ambientais, que devem unir indivíduos do planeta na luta por sua preservação e pela qualidade de vida de seus habitantes.

3.3 A ÉTICA DA PROMOÇÃO DA VIDA HUMANA — “A FIGURA DO PROFETA”

Conforme vimos até aqui, as dimensões da intercultura no CPEL têm um caráter determinante para a formação política do mesmo, dado o seu aspecto educacional na dinâmica das relações. Nesta linha de raciocínio, entendemos que o diálogo intercultural possibilita ações em torno das questões sociais que contemplem a ética da promoção da vida humana.

Questionados sobre a participação dos evangélicos na política, 83,4% dos pastores entrevistados, responderam que tal participação precisa melhorar, amadurecer e se unir em torno de um projeto político. Vemos aí a necessidade de uma estratégia que contemple um programa de formação para o CPEL. Outro dado relevante é o fato de que 50% dos entrevistados atribuíram ao Conselho de Pastores, a missão de orientar e educar politicamente seus pastores. Considerando ainda que, outros 50% de entrevistados defendem o diálogo religioso e ações conjuntas, desde que, respaldado pelas causas dos direitos humanos, amor, conhecimento do outro, solidariedade e princípios éticos. É nesta ordem que entendemos ser possível um projeto de formação e ação políticas fundado na ética da promoção da vida humana.

Morin (1998), ao refletir sobre “*A Ética do Sujeito Responsável*”, considera que a mensagem de religiões universais como o cristianismo, foi laicizada⁴⁵ pela Revolução Francesa e pelo próprio socialismo na luta pelos ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Ele propõe o desenvolvimento de uma “[...] *ética política que deve conter algumas idéias-guia em suas formulações mais prioritárias:*” (p.67,68).

- a) A ética da religião, onde esta se empenha na tarefa de religar o mundo fragmentado, reduzindo a ignorância do outro, lutando contra o egocentrismo, o etnocentrismo e a barbárie que divide e exclui.
- b) A ética do debate, própria das instituições democráticas, tem por finalidade a valorização da argumentação, sem descartar a

⁴⁵ Caráter de “laico”, que pertence ao mundo, em oposição a eclesiástico.

polêmica, mas rejeitando todos os meios inadequados e autoritários.

- c) A ética da compreensão, ao contrário da explicação que busca conhecer os objetos como tais e desumaniza o conhecimento dos sujeitos sociais e políticos, a compreensão permite o conhecimento do sujeito e a reumanização do conhecimento político.
- d) A ética da magnanimidade, visto como único meio de romper com o ciclo da violência, da vingança, da punição e do terrorismo. Exemplificada na história como atos de clemência e da generosidade.
- e) A ética às boas vontades, considerando que nenhuma classe social foi capaz de cumprir sua missão histórica, deve-se apelar às boas vontades, solicitar que todos se associem no intuito de salvar a humanidade.
- f) A ética da resistência, assim como foi a única resposta ao nazismo e ao stalinismo, talvez seja a resposta imediata à barbárie do progresso. (p.68 a 77).

Ao tratar da polêmica que envolve os temas da ética e da política, Morin (1998), propõe o diálogo entre eles, ainda que de forma conflituosa, mas sempre inclusiva:

Não podemos opor esses dois termos de modo absoluto e nem complementarizá-los harmoniosamente. Estamos condenados à sua dialógica, ou melhor, a manter simultaneamente seu laço indissociável e seu antagonismo irreduzível. Somente esta dialógica poderá fazer da política, essa arte da incerteza, uma grande arte que seja posta a serviço do ser humano. (p.76-77).

Desta forma, a ética da promoção da vida humana nos remete à figura do profeta, mencionada por Wach (1990), como exemplo de luta em favor dos povos oprimidos nos mais diferentes contextos religiosos, interpretando o passado e presente, lançando luzes quanto ao futuro, o kairós (momento) da humanidade. Para o contexto do CPEL, é motivador e inspirador, considerar a visão de Alves (1981), quando afirma que os profetas bíblicos entendiam que o sagrado tinha a ver

fundamentalmente com a justiça e a misericórdia, eles eram porta-vozes dos desgraçados e oprimidos.

Ao refletir sobre o momento fértil para o agir profético, no contexto da América Latina, Gutiérrez (1987) entende que este é um tempo de solidariedade com o crescimento de movimentos de defesa dos direitos humanos e dos pobres. Este autor interpreta a solidariedade numa perspectiva latino-americana, em que os cidadãos são desafiados a “[...] *um gesto conseqüente de uma nova tomada de consciência de suas situações de exploração e marginalização, assim como do papel que lhe cabe desempenhar na construção de uma sociedade diferente.*” (p.32-33).

CONCLUSÃO

As dimensões da intercultura no CPEL são manifestas na diversidade teológico-doutrinária que compõe o mesmo, nas características pessoais de seus membros, nas suas particularidades culturais, mas principalmente no modo como se dão as relações entre diferentes membros e diferentes contextos. Considerando este pressuposto, entendemos no decorrer deste trabalho, que a formação política do CPEL é conflituosa e ambígua, contudo, possibilitadora da dignidade humana, da ética, da justiça e da equidade dentro do próprio Conselho, mas também em direção aos embates vivenciados na sociedade londrinense.

Neste sentido, devemos considerar o valor atribuído pelos Estudos Culturais à religião e a possibilidade desta, estar inserida no processo de construção de uma sociedade mais democrática, que veja a diversidade de forma inclusiva, sem negar seus conflitos, mas criando formas dialógicas de diminuir as desigualdades,

movidos pelo ideal comum e universal: o desafio de vivenciar a ética da promoção da dignidade humana, sob a utopia de uma política de justiça como equidade.⁴⁶

O filósofo político John Rawls (2000), ao escrever sobre os elementos básicos do liberalismo político, propõe a construção de uma sociedade através da cooperação justa entre cidadãos livres e iguais, onde o lema da justiça como equidade norteia a práxis política. Isto, considerando as tensões da sociedade, fruto da diversidade cultural e das desigualdades econômica, política, religiosa e filosófica.

Neste contexto de uma democracia pautada pela justiça como equidade, o conceito de cidadão deve ser desenvolvido a partir da idéia fundamental de pessoa em sua integralidade, ele não é apenas o sujeito com direitos e deveres, mas com finalidades abstratas. É o cidadão enquanto membro plenamente cooperativo de uma sociedade cuja vocação de sua existência é a perpetuidade, ou seja, para toda a vida. Para esta sociedade, a tônica da liberdade e da justiça é desenvolvida sob a garantia da equidade que se manifesta na diversidade cultural, de pensamentos e interesses de cada extrato social.

Em acordo com a ética política de Morin (1998), a teoria liberal de Rawls (2000), estabelece duas capacidades morais que devem atuar como eixos do exercício da cidadania para construção de uma sociedade justa e igual: a capacidade de senso de justiça e a capacidade de se ter uma concepção do bem.

Sem desconsiderar a complexa ambigüidade da justiça e da igualdade, até com certa dose de antagonismo, entendemos que sua práxis utópica, requer que o cidadão assuma sua responsabilidade de maneira corajosa e comprometida com o ser humano. Este ideal nos reporta mais uma vez à figura do profeta descrita por Wach (1990), ao que poderíamos contemporalizá-la como a figura do “Profeta Cidadão”⁴⁷, que era o indivíduo que exercia participação ativa na sociedade, pensava o sentido da vida, educava, se indignava com a injustiça e questionava toda forma de poder estabelecido, fosse ele, religioso ou econômico, que não respeitasse os valores da justiça e igualdade.

⁴⁶ Conceito de John Rawls sob o qual, repousa a igualdade de oportunidades de realização das vontades. Equidade é uma concepção de justiça onde a sociedade foi interpretada como um sistema de cooperação social que deve passar de geração em geração.

⁴⁷ Expressão que utilizo para contemporalizar a figura do “profeta” ao contexto de democracia, idealizado por John Rawls em seu liberalismo político, no qual, o cidadão, além de direitos e deveres, é responsável e comprometido com a construção de uma sociedade fundada na justiça com equidade.

Retornando para nosso objeto de pesquisa, entendemos que a história política do CPEL é marcada por avanços e retrocessos. Os avanços estão relacionados a sua contribuição no desenvolvimento da cidade; na atuação mediadora e diversa de seus membros; no diálogo com a sociedade, diante dos desafios e conflitos sociais, exercendo a alteridade no estranhamento com o outro; participando de momentos importantes e decisivos na vida da sociedade, como o que ocorreu no ano de 1999, quando o então Presidente do CPEL, Rev Lucimar Vieira, se uniu ao Assessor de Comunicação da Diocese da Igreja Católica, Padre Manuel Joaquim, liderando um movimento que culminou com a cassação do então Prefeito Antônio Belinati, ambos defendendo a ética na política, devido denúncias de corrupção que envolviam o prefeito.

Apesar da participação informal, ambos, acabaram por influenciar as respectivas entidades filiadas. Neste episódio, o fato de um pastor e um padre se envolverem no debate pela ética na política, caracterizou a imagem como uma ação intercultural e ecumênica para a sociedade londrinense.

Nos últimos anos, os membros do CPEL têm exigido mais critério na participação política. Particularmente, temos participado deste processo e por liderarmos um outro segmento político no interior dos evangélicos, o MEP – Movimentos Evangélico Progressista, temos desenvolvido algumas parcerias em eventos de formação com o CPEL, dentre elas, a realização de debates e publicação de cartilha política, durante os pleitos eleitorais nos anos de 2000 e 2004, no âmbito municipal.

Porém, consideramos aqui alguns retrocessos, como por exemplo, o fato de que nos últimos 20 anos, alguns membros da ala histórica da igreja, terem deixado de freqüentar as reuniões alegando divergências doutrinárias e principalmente envolvimento político partidário da entidade sem o consenso dos pastores. Esta participação política acontecia sem debate prévio, sem uma formação política mais criteriosa e analítica, permitindo que alguns líderes políticos usassem a imagem e poder simbólico do CPEL junto à sociedade. Na dimensão do diálogo interno, ou seja, entre as diferentes denominações eclesiais presentes no CPEL, registramos a ausência do mesmo entre pastores pentecostais e históricos (reformados).

Registramos ainda que no aspecto administrativo e organizacional é preciso avançar, pois nos últimos anos esta área vinha sendo negligenciada. A partir

da gestão de 2006, algumas medidas foram adotadas no sentido de reestruturar o CPEL, mas há muito que fazer, como a reorganização do seu rol de membros e a retomada do projeto de construção da sede própria.

Nossa pesquisa constatou que é possível admitir a existência de um estágio na prática ecumênica do CPEL que considere os conflitos e ambivalências existentes em seu interior, mas que, paradoxalmente o impulse a avançar no encontro com o “outro” em torno de algo comum. Esta é uma ação defendida por Falteri (1998). Para ela, é justamente aqui que a intercultura ganha um sentido mais complexo. É na prática de um projeto comunitário que torne o mundo utilizável e doméstico, no qual seja possível o “appaesamento”, ou seja, o “sentir-se em casa” – o reencontrar-se em um horizonte de significados. É a contínua regeneração do existir como centro de iniciativa.

Retomamos aqui o pensamento de Fleuri (1998) quando defende a contribuição da intercultura, que entre outras perspectivas tem buscado compreender a complexidade da sociedade e em especial os processos de marginalização e subjugação entre as diferentes culturas. Concordamos com este autor, pois o mesmo defende a cooperação dos diferentes sujeitos sociais na construção de políticas emancipatórias. Julgamos portanto, com base nas lacunas percebidas no processo de formação política do CPEL, que é possível criar contextos favoráveis à integração de diferentes sujeitos e diferentes contextos.

Chegamos ao final deste trabalho de pesquisa, considerando o aprendizado proporcionado por sua trajetória, bem como nossa particular história como membro do CPEL. Sendo assim, usamos deste espaço para sugerir algumas ações que poderão contribuir com o processo de formação política do CPEL:

Elaboração de curso de extensão sobre temas relacionados à formação política como: ética, democracia, movimentos sociais, formação da consciência crítica, fé e política, poder etc. Este curso poderia ser oferecido em parceria com alguma instituição de ensino da cidade.

Realização de debates sobre temas atuais, fundamentados em fragmentos teóricos que envolverem os assuntos. Estas programações poderiam ocorrer em reuniões quinzenais nas 05 Regiões de Londrina, buscando abranger geograficamente as igrejas e pastores, bem como, facilitando o acesso destes. Além de textos, utilizaria o recurso do vídeo como ferramenta de motivação e ilustração ao debate.

Em períodos eleitorais, promover o debate entre os candidatos, como ocorreu nas eleições municipais de 2000 e 2004, desta feita, com maior divulgação e estratégias de participação do público alvo.

Elaboração de cartilha e outros textos, orientando os pastores e suas igrejas quanto à participação no processo eleitoral, como ocorreu nas eleições de 2000 e 2004.

Incentivar os estudos e leituras nas áreas das ciências sociais, como forma de facilitar a compreensão e leitura crítica do cotidiano.

Dinamizar e organizar a participação do CPEL nos Conselhos Municipais, inclusive, incentivando os pastores a escolherem área de atuação.

Melhorar a estrutura organizacional do CPEL, bem como, resgatar o projeto de sede própria.

Estas são apenas algumas idéias facilitadoras, há que se pensar em outras, mas entendemos que se faz necessário aproveitar a experiência acumulada e o contexto social de Londrina, com suas contradições e exclusão, para que a participação política do CPEL tenha um melhor desempenho nos rumos humanitários da cidade de Londrina.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BELLOTTI, KARINA KOSICKI. mídia, religião e história cultural. **REVER – REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO, SÃO PAULO, V.4, N.4, 2004.**
DISPONÍVEL EM: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: 30 out. 2007.

BIBLIA. Português. **Bíblia Shedd**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BONI, Paulo César. **Fincando Estacas!**: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, Selma Frossard. A ação social da Igreja Evangélica em Londrina. In: MUZIO, Rubens Ramiro **A revolução silenciosa**: transformando cidades pela implantação de igrejas saudáveis. São Paulo: SEPAL, 2004. p. 123 – 142.

COUTINHO, Humberto Puiggari. **Londrina: 25 anos de sua história.** São Paulo: Gráfica Universal, 1997.

DERRIDA, Jaques; VATTIMO, Gianni (Org.). **A religião: o seminário de Capri.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: M. Fontes, 1968.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.9, dez. 1998.

EVANS-PRITCHARD, E. E. A religião e os antropólogos. **Revista Religião e Sociedade**, v.13, n.1, p. 4-19, 1986.

FALTERI, Paola. Interculturalismo e culturas no plural. In: FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e movimentos sociais.** Florianópolis: Mover/NUP, 1998. p. 33 – 43.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Intercultural: desafios emergentes na perspectiva dos movimentos sociais.** In: FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Movimentos Sociais.** Florianópolis: Mover/NUP, 1998. p. 45 – 54.

FONSECA, Alexandre Brasil. Os Pastores de Londrina. In: MUZIO, Rubens Ramiro. **A Revolução Silenciosa: transformando cidades pela implantação de igrejas saudáveis.** São Paulo: SEPAL, 2004. p.143-160.

_____. Reação à palestra de Valdir Gonzales Paixão Junio. **Revista do Conselho Latino Americano de Igrejas**, Quito, p. 21-59, dez. 2000

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GERTH, Hans.; WRIGHT MILLS (Org.). **Max Weber: ensaios de sociologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IANNI, Otávio. O encantamento do mundo. **Revista Religião e Sociedade**, v.13, n.1, p.20 – 22, 1986.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MARIZ, Cecília. As questões religiosas e o mundo atual. **Revista Novamérica: a Revista da Pátria Grande: Pluralismo Religioso**, Rio de Janeiro, n.93, p. 104 - 107 mar. 2002.

MORIN, Edgar. Et Al. **Ética, Solidariedade e Complexidade**. São Paulo: Palas Athena, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O movimento dos conceitos na antropologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.36, p. 13 – 31. 1993.

ORTIZ, Renato. Estudos Culturais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v.16, n.1, p.121-127, jun. 2004.

PROENÇA, Wander de Lara; SOUZA, Raimundo Soares. Formação e desenvolvimento das primeiras igrejas evangélicas na cidade de Londrina. In: MUZIO, Rubens Ramiro. **A Revolução Silenciosa: transformando cidades pela implantação de igrejas saudáveis**. São Paulo: SEPAL, 2004. p.41–61.

_____. Múltiplos pastoreios: trajetórias e impactos de novas expressões evangélicas na cidade de Londrina. In: MUZIO, Rubens Ramiro **Revolução Silenciosa: transformando a sociedade com a força do evangelho do reino**. São Paulo: SEPAL, 2006. p.35-61.

SANTA'ANA, Júlio de **Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTOS, Geni Maris. **A trajetória do conselho de Pastores na cidade de Londrina**. 2006. Trabalho de Conclusão do Curso. (Curso de Teologia) - Centro Universitário Filadélfia, Londrina.

SCHWARTZ, Widison. Com a semente do presbiterianismo. **Jornal de Londrina**, Londrina, 7 ago. 2004. p.4b.

SEPÚLVEDA, Juan. **De peregrinos a ciudadanos: breve história del cristianismo evangélico em Chile**. Santiago: Facultad Evangelica de Teologia/Konrad – Adenauer – Stiftung, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STEIL, Carlos Alberto.. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v.3, n.3, p.115-129, Oct. 2001.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

XAVIER, Márcia Rejania Souza. **Educação e religião: os entre-lugares da educação de adultos na ação educativa do PEACE**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ANEXOS

ANEXO A

Estatuto do CPEL

CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS DA CIDADE DE LONDRINA

Capítulo I

Denominação, sede, foro, duração e finalidade

Artigo 1º - O Conselho de Pastores e Pastoras Evangélicos de Londrina é uma entidade de caráter associativo e religioso, que se constitui de acordo com o artigo 53 e seguintes do Código Civil Brasileiro, sem fins lucrativos, com sede e foro jurídico nesta cidade de Londrina, à Rua Souza Naves, 880 – Estado do Paraná.

Artigo 2º - O tempo de sua duração é indeterminado, podendo ser extinto com o voto de 2/3 (dois terços) dos membros presentes em Assembléia, convocada especialmente para esse fim.

Artigo 3º - O Conselho de Pastores (as) Evangélicos de Londrina, tem as seguintes finalidades:

- a) Promover e desenvolver a unidade de seus membros, o espírito de companheirismo e fraternidade, de acordo com os propósitos da Igreja de Jesus Cristo, respeitadas as particularidades doutrinárias de seus membros;
- b) Criar condições favoráveis à koinonia cristã, levando os seus membros a uma compreensão melhor da unidade do Corpo de Cristo;
- c) Promover Encontros, Seminários, Jornadas, Oficinas e Congressos, visando o despertar e fortalecimento doutrinário e social dos seus membros;
- d) Criar comissões permanentes e temporárias para atuar junto à Diretoria, nas suas mais diversas funções;
- e) Firmar posição pública, no exercício do ministério, em defesa da ordem espiritual, social, moral, política e econômica que venha, porventura, a reclamar atenção em suas respectivas áreas;
- f) Orientar e assessorar pastores (as) e líderes que demonstrem interesse em pertencer a este Conselho.

Capítulo II

Dos membros, admissão, demissão, direitos e deveres.

Artigo 4º São considerados membros do Conselho de Pastores(as) Evangélicos de Londrina, todos os pastores e pastoras já cadastrados, como tal, inscritos nesta data e aqueles (as) que forem apresentados (as), formalmente, pela Diretoria e aprovados (as) em reuniões ordinárias que se realizam mensalmente.

Parágrafo Primeiro: Para se tornar membro deste Conselho de Pastores o (a) pretendente deverá ser apresentado (a) por dois ou mais pastores-membros, e preencher a respectiva ficha de inscrição.

Parágrafo Segundo: Para o efeito do parágrafo primeiro, acima, o pretendente – pastor ou pastora -para habilitar-se à inscrição, deverá apresentar declaração comprobatória de filiação da denominação a que pertence, seja igreja ou instituto;

Parágrafo Terceiro: O membro (a) deste Conselho se obriga a participar das reuniões mensais e daquelas para as quais seja convocado (a), devendo contribuir anualmente com o equivalente a 10% (dez por cento) do salário mínimo e satisfazer ao recolhimento do valor da inscrição a ser estabelecido pela Diretoria;

Artigo 5º - O desligamento, exoneração ou demissão de membros deste Conselho de Pastores se dará nos seguintes casos:

- a) A pedido do interessado (a), por escrito;
- b) Por exclusão ou exoneração das funções pastorais da sua denominação, se por indisciplina;
- c) Por transferência para outra cidade ou estado que impeça atender as exigências de quaisquer das cláusulas mencionadas neste Estatuto;
- d) Ausência às reuniões, pelo espaço de 12 meses, sem motivos justificáveis;.

Artigo 6º - Os membros do Conselho de Pastores (as), de que trata este Estatuto, gozam das seguintes prerrogativas:

- a) Participar das comissões a que forem designados (as); das reuniões mensais e das assembléias;
- b) Poderão concorrer a cargos na Diretoria e no Conselho Fiscal, votar e serem votados;
- c) Participarão de comissões permanentes e/ou temporárias desde que indicados pela Diretoria.
- d) Representarão a Presidência e/ou a Diretoria quando designados para tanto;

Artigo 7º - São deveres dos membros deste Conselho:

- a) Respeitar e cumprir o presente Estatuto;
- b) Comparecer e participar das reuniões do Conselho e das Assembléias;
- c) Levar ao conhecimento da Diretoria qualquer ato ou fato de interesse do Conselho;
- d) Zelar pela unidade do Corpo de Cristo;
- e) Recolher as taxas de inscrição e anuidades.

Capítulo III

Da estrutura organizacional

Artigo 8º - Este Conselho de Pastores (as) tem a seguinte estrutura organizacional:

- I - Diretoria
- II - Conselho Fiscal
- III- Conselho Consultivo
- IV- Comissões Permanentes

Artigo 9º- A diretoria do Conselho de Pastores(as) é composta de 6 (seis) membros na seguinte ordem e funções:

- a) Presidente
- b) Vice-Presidente
- c) Secretário (a)
- d) Segundo Secretário (a)
- e) Tesoureiro (a)
- f) Segundo Tesoureiro (a)

Artigo 10º- A Diretoria é órgão executivo do Conselho e autoridade responsável pela sua representação e administração perante seus membros e poderes públicos constituídos.

Parágrafo Primeiro – A Diretoria reunir-se-á sempre que necessário, por convocação do Presidente ou a pedido de 1/3 (um terço) dos seus membros;

Parágrafo Segundo – Todas as reuniões ordinárias e extraordinárias serão lavradas em Ata própria, constando as deliberações tomadas;

Parágrafo Terceiro - O presidente somente votará quando o exigir o voto de Minerva;

Artigo 11º Os membros da diretoria exercerão seus cargos respectivos pelo período de 2 (dois) anos, e o farão a título gratuito, não podendo ser reeleitos para o pleito imediato exceto para outras funções que não exercidas no mandato imediatamente anterior;

Parágrafo Primeiro

- a) As eleições serão realizadas através de chapas, que deverão ser registradas 60 (sessenta) dias antes do pleito, formalizadas com nomes e cargos correspondentes na diretoria;

b) As eleições serão convocadas com 90 (noventa) dias de antecedência, reservando-se um prazo de 30 (trinta) dias para que cada qual apresente o programa de ação;

c) O Conselho Fiscal será eleito por meio de indicação e voto da Assembléia Geral, facultando a renovação de até 1/3 (um terço) de seus membros para cada mandato;

Parágrafo Segundo – Compete à Diretoria:

a) Administrar a Entidade, conservar seus bens e serviços e, quanto possível, ampliar as suas atividades ;

b) Elaborar e executar programas, que visem o bem-estar da comunidade;

c) Firmar convênios e parcerias com entidades particulares, bem como com os poderes públicos nas esferas municipal, estadual e federal;

d) Elaborar e apresentar à avaliação da Assembléia o Regimento Interno do Conselho, o qual deverá ser elaborado e aprovado em 12 (doze) meses a partir da aprovação do presente Estatuto;

Artigo 12º - Competência do Presidente;

a) Ao presidente competirá representar o Conselho, ativa e passivamente perante os órgãos, repartições e entidade públicas e privadas, municipal, estadual e federal e judiciárias;

b) Convocar e presidir as reuniões e assembléias;

c) Orientar e estabelecer normas para o bom funcionamento do Conselho;

d) Assinar com o secretário toda correspondência, escrituras públicas de compras e vendas, doações e aquisição de bens móveis e imóveis;

e) Assinar com o tesoureiro os balancetes financeiros, aberturas de contas bancárias e cheques;

f) Tomar as providências inerentes ao cargo, especialmente as de caráter de urgência e inadiáveis “ad referendum” da Diretoria, a qual se reserva o direito de tomar conhecimento dos fatos para que por ela sejam homologados:

g) Firmar e assinar convênios e parcerias com outras instituições;

h) Cumprir e fazer cumprir as disposições do presente estatuto;

Parágrafo Primeiro – Competência do Vice-presidente:

a) Será da competência deste substituir o presidente em suas ausências e impedimentos;

b) Desempenhar toda e qualquer atividade que lhe for confiada;

Parágrafo Segundo – Competência do Secretário:

a) Ao secretário competirá a organizar e orientar os serviços da secretária da Entidade;

b) Receber e encaminhar ao Presidente toda correspondência, bem como todo documento que chegue à secretaria;

c) Redigir as correspondências do Conselho, submetendo-as à apreciação do Presidente que nelas aporá a sua chancela;

d) Ter sob sua guarda e responsabilidade o arquivo, livros de atas e demais documentos da secretaria;

e) Redigir em livro próprio e assinar as atas das reuniões da diretoria e das assembleias, bem como recolher, nas reuniões e assembleias, as assinaturas dos membros em livro próprio;

Parágrafo Terceiro – Compete ao Segundo-secretário:

a) É da competência deste, substituir o titular corresponde, nas suas ausências e impedimentos;

b) Desempenhar toda e qualquer atividade que lhe for confiada;

Parágrafo Quarto – Competência do Tesoureiro:

a) Assinar, com o Presidente, os balancetes trimestrais e anuais, cheques para levantamento de numerário em bancos e demais documentos, bem como as celebrações de contratos que, porventura, com a anuência da Diretoria ou da Assembleia, venham a ser celebrados;

b) Apresentar à Diretoria, quando for solicitado o relatório ou balancete geral, com documentos do ativo e passivo da Entidade;

c) Efetuar abertura de contas bancárias juntamente com o presidente, bem como fazer pagamentos de todas as despesas que forem devidamente autorizadas pela Diretoria não, porém, sem a anuência do Presidente;

d) Conservar rigorosamente atualizados todos os livros da Tesouraria, bem como o inventário dos bens móveis e imóveis do Conselho;

e) Receber e assinar, juntamente com o Presidente, em nome da Entidade, as ofertas, doações e legados, auxílios e eventuais subvenções dos poderes públicos.

Parágrafo Quinto – Competência do Segundo-tesoureiro:

- a) Substituir o tesoureiro em suas ausências e impedimentos;
- d) Desempenhar todas as demais tarefas inerentes a função e/ou que lhe forem confiadas.

Artigo 13º - Do Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal é composto de 3 (três) membros titulares e 1 (um) suplente, todos eleitos pela Assembléia Geral, e terão as seguintes atribuições:

- a) Inspeccionar contas e documentos fiscais e contábeis do Conselho;
- b) O Conselho Fiscal será eleito na mesma assembléia que eleger a Diretoria do Conselho, por um período de 2 (dois) anos, exercendo seus membros a função a título gratuito.

Artigo 14º - Do Conselho Consultivo

O Conselho Consultivo é um órgão de consulta, constituído de 3 (três) membros efetivos e um suplente, formado por ex-presidentes do Conselho e/ou pastores notáveis de Londrina com a finalidade de:

- a) Assessorar a Diretoria nas suas atribuições;
- a) Emitir pareceres sobre assuntos pertinentes ao Conselho, quando for solicitado;

Artigo 15º - A critério da Diretoria poderão ser criadas comissões permanentes ou temporárias, compostas de 3 (três) membros cada uma, segundo o interesse da Diretoria do Conselho que, a seu talante, a elas dará posse:

- a) Comissão de Ética Pastoral e Relações Inter-eclesiásticas;
- b) Comissão de Educação e Saúde;
- c) Comissão de Segurança;
- d) Comissão de Política e Cidadania;

Parágrafo Único – As atribuições das Comissões serão definidas pelo Regimento Interno do Conselho de Pastores (as) Evangélicos da cidade de Londrina, que

deverá ser discutido e aprovado no prazo de 12 (doze) meses a partir da aprovação do presente Estatuto.

Capítulo IV

Das Assembléias

Artigo 16º - A Assembléia Geral é órgão soberano do Conselho de Pastores(as) Evangélicos da cidade de Londrina e é composta por todos os membros devidamente inscritos, podendo ser realizada ordinária e extraordinária.

Parágrafo Primeiro – A Assembléia Geral solicitará ao Conselho Fiscal que apresente o seu parecer referente aos balancetes e balanços financeiros do Conselho;

Parágrafo Segundo – A Assembléia Geral Ordinária será realizada de dois em dois anos, no mês de novembro, à convocação da diretoria, que o fará através de carta-circular, com antecedência mínima de 90 (noventa) dias para:

a) Analisar, votar e aprovar ou não o balancete financeiro, após o parecer do Conselho Fiscal;

b) Eleger e empossar a nova Diretoria, o Conselho Fiscal, e o Conselho Consultivo.

c) Outros Assuntos:

Parágrafo Terceiro – A Diretoria e o Conselho Fiscal serão eleitos em assembléia geral, por escrutínio secreto ou por aclamação, através de chapas, que deverão ser protocoladas na secretaria do Conselho até 60 (sessenta) dias antes do pleito;

Parágrafo Quarto – A Assembléia Geral Extraordinária será sempre convocada pela Diretoria, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, para deliberar sobre assuntos específicos constantes da pauta. Caso haja necessidade poderá ser convocada por 2/3 (dois terços) dos membros da Diretoria ou 2/3 (dois terços) dos membros do Conselho;

Parágrafo Quinto – A Assembléia será realizada em primeira convocação na hora estabelecida na carta-circular, com 1/3 (um terço) dos membros do Conselho presentes ou meia hora depois com qualquer número para tratar dos assuntos estabelecidos na pauta;

Parágrafo Sexto – No caso de renúncia ou afastamento de dois ou mais membros da Diretoria, os demais integrantes, através do Presidente ou de quem suas vezes

fizer, convocará uma Assembléia Geral Extraordinária para a eleição e posse dos membros do Conselho visando ao preenchimento do cargo vago;

Parágrafo Sétimo – Só poderá ser eleito para cargos na Diretoria e no Conselho Fiscal os membros que tiverem 50% (cinquenta por cento) de presença comprovada nas reuniões ordinárias, ressalvando-se, porém, o direito de poder justificar as faltas perante a Diretoria, o que deverá ser feito por escrito, no período entre uma e outra reunião e desde que esteja em dia com a Tesouraria;

Parágrafo Oitavo – Independente de presença, todos os membros filiados ao Conselho terão direito a voto, desde que não estejam em débito com a Tesouraria do Conselho;

Artigo 17º O Conselho de Pastores será mantido, financeiramente, pelas contribuições dos seus membros, por ofertas, doações e parcerias possíveis com pessoas físicas e jurídicas, desde que de origem idônea.

Artigo 18º O Conselho de Pastores(as) Evangélicos da cidade de Londrina só poderá ser extinto por decisão de 2/3 (dois terços) dos membros, reunidos em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim;

Artigo 19º Em caso de dissolução, o patrimônio do Conselho, após o pagamento do passivo, será doado à entidades evangélicas assistenciais que forem indicadas pela Assembléia;

Artigo 20º O Presidente e demais membros da Diretoria que pretenderem candidatar-se a algum cargo político eletivo deverão se desligarem de suas funções junto à Diretoria do Conselho no prazo de 120 (cento e vinte) dias antes do pleito;

Parágrafo Primeiro – No caso de convite para exercer cargo de confiança em qualquer das esferas, o convite deverá ser apreciado pela diretoria do Conselho. Havendo aprovação, o cargo poderá ser aceito sem desligamento; caso contrário, só com o desligamento;

Parágrafo Segundo – Enquanto estiver no cargo, o membro da Diretoria do Conselho não poderá manifestar apoio ou simpatia política, publicamente, a qualquer candidato que venha a concorrer a um cargo político, salvo se tiver o referendado da Assembléia;

Parágrafo Terceiro – Os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal exercerão seus respectivos cargos a título gratuito, sem nenhum direito a ajuda de custo ou bonificação;

Artigo 21º - Este Conselho de Pastores(as) não intervirá em questões de alçada exclusiva das igrejas ou denominações, e nem em qualquer outra instituição juridicamente organizada;

Artigo 22º - Este Estatuto poderá ser reformado por resolução de pelo menos 2/3 (dois terços) dos membros da Assembléia Geral, especialmente convocada para tal finalidade.

Artigo 23º - Os casos omissos, que porventura surgirem, serão resolvidos pela Assembléia Geral.

Artigo 24º -O presente Estatuto entra em vigor após sua legitimação pela Assembléia Geral, para o efeito convocada, levando-se à certificação no competente Cartório de Registro Civil, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

Londrina, 01 de agosto de 2.006.

Pr. Edson de Oliveira Filho

Presidente.

ANEXO B

Relato das observações de reuniões do CPEL.

REUNIÃO em 05/09/2006 - Local: Capela do Seminário Teológico ISBL.

O Presidente do Conselho, Pr. Edson de Oliveira Filho, procedeu a abertura da reunião com a leitura do texto bíblico de Jonas 4:11 que diz:

“e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”

A seguir, fez uma saudação aos pastores(as) presentes, além dos visitantes:

Dom Orlando Brantis (Arcebispo da Diocese de Londrina)

Frei Adelino Frigo (Representante do MEL-Movimento Ecumênico de Londrina)

Sr^a Emília Belinati (Ex-vice-governadora do Paraná)

Dr^a Edna de Paula (Promotora da infância e juventude)

Houve um período de ministração de louvor(cânticos), orações em pequenos grupos em que os pastores abençoavam uns aos outros.

A seguir foi apresentado o Pr. Mathias Quintela da 1^a Igreja Presbiteriana Independente de Londrina, que leu os textos bíblicos de Romanos 13:11 que diz:

“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos.”

Depois leu o Salmo 126, destacando os versos 4,5 e 6:

“Restaura, Senhor, a nossa sorte, como as torrentes no Neguebe. Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes.”

Ele fez uma breve reflexão, mencionou os dias difíceis em que vivemos, a corrupção, violência e desemprego. Disse que o tempo de Deus(Kairós), é diferente do nosso, portanto, “hoje é tempo de sonhar os sonhos de Deus, é tempo de restauração, é tempo de semear.” Ele desafiou os pastores a seguirem o exemplo de Jesus e se compadecerem das multidões.

O Pr. Antônio ?????, dirigiu uma palavra de oração na qual mencionou estarem todos reunidos ali, em nome de uma só fé, uma só igreja, em espírito de unidade.

O presidente apresentou a Dr^a Edna de Paula, Frei Frigo e Dom Orlando, este, dirigiu a palavra, convidando os pastores se engajarem no combate a violência. Falou sobre a criação do Fórum da Paz, o qual integraria diversas forças da sociedade londrinense.

A seguir, falou a Dr^a Edna sobre seu desafio junto a vara da infância e juventude, e desafiou ou ouvintes a tomarem para si também o problema da violência e se mobilizarem em prol da promoção da paz.

O Pr Osni Ferreira usou da palavra, propondo que as barreiras religiosas e culturais se quebrem e que haja unidade entre os cristãos para o combate a violência.

Logo depois usaram a palavra alguns candidatos a Deputado Estadual e Federal, dentre eles: Sr^a Emília Belinati e Rony dos Santos Alves, que invocaram o caráter vocacional para explicar suas candidaturas, dizendo-se chamados por Deus para testemunharem através da política.

REUNIÃO DE POSSE DA DIRETORIA DO CONSELHO DE PASTORES(AS)

Data: 31/10/2006 - Local: Capela do ISBL

A posse ocorreu no dia em que se comemora a Reforma protestante.

Autoridades presentes: Dep. Luis Carlos Haully, Dep. Luis Eduardo Cheida, Frei Adelino Frigo e representantes das universidades e outras instituições.

Houve um momento de louvor(músicas), oração e comentários sobre a Reforma Protestante. Depois houve uma apresentação de fotos e comentários sobre os pioneiros evangélicos na cidade de Londrina e a integração das igrejas para uma ação transformadora na educação.

Fez-se menção a criação do ISBL, Colégio Londrinense, destacando a obra do Pastor e Professor Zaqueu de Mello, da Igreja Presbiteriana do Brasil, grande líder,deputado estadual, educador, com grandes ações na área social. Destacou-se também a obra do Rev. Jonas Dias Martins, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana Independente, negro, ex-lutador de Box, evangelista e que participou também dos projetos acima mencionados, com o Rev Zaqueu de Mello.

A pregação do dia foi feita pela Pastora Erondina Camargo, da Igreja Casa de Oração para Todos os Povos, que inspirada no livro de Isaias 65:17-25, falou sobre “a cidade ideal”.

Fez uma defesa do envolvimento da igreja na vida da cidade, como agente de transformação social, colocando a responsabilidade nos líderes das igrejas que têm o papel de educar o seu povo. “A igreja deve ser agente de transformação!”

ANEXO C

Tabulação dos questionários aplicados aos membros do CPEL.

No dia 04 de setembro de 2007, durante reunião ordinária do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina, com cerca de 40 pastores presentes, distribuimos 20 questionários dos quais retornaram 12, sendo 06 em forma manuscrita e outros 06 via Internet, mas seguindo nosso padrão.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS MEMBROS
DO CONSELHO DE PASTORES EVANGÉLICOS DE LONDRINA**

DADOS PESSOAIS - 2007

NOME	SEXO	IDADE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	RENDA MENSAL (em salários mínimos)
C.M.	Masc.	65	Brasileiro	Casado	Ensino superior	3 a 5
N.F.	Masc.	40	Brasileiro	Casado	Pós Graduação	3 a 5
J.L.A.	Fem.	58	Brasileiro	Casada	Ensino Médio	1 a 3
W.J.S.	Masc.	40	Brasileiro	Casado	Superior	3 a 5
A.F.M.	Masc.	43	Brasileiro	Divorciado	Superior	3 a 5
E.C.S.	Masc.	43	Brasileiro	Casado	Superior	7 a 10
E.P.	Masc.	47	Brasileiro	Casado	Superior	7 a 10
E.S.	Masc.	40	Brasileiro	Casado	Pós Graduação	7 a 10
J.G.	Masc.	66	Brasileiro	Casado	Pós Graduação	+ de 10
M.M.	Fem.	43	Brasileira	Casada	Superior	7 a 10
N.I.N.	Masc.	43	Brasileiro	Casado	Pós Graduação	5 a 7
W.T.	Masc.	42	Brasileiro	Casado	Fundamental	5 a 7

DADOS ECLESIASTICOS

Nome	Exerce o pastorado?	Exerce outra ocupação? Qual?	Religião de origem?	Porque se tornou evangélico?
C.M.	Sim	Sim. Professor	Evangélica	Tive uma experiência de cura e libertação.
N.F.	Sim	Sim. Dir.de missão.	Evangélica	Pais.
J.L.A.	Sim	Não	Evangélica	Nasci em lar evangélico.
W.J.S.	Não	Sim. Radialista	Cristã	Creio que foi um chamado de Deus.
A.F.M.	Não	Sim. Ass. diretoria	Católica	Lendo a Palavra de Deus, a Bíblia, descobri que precisava ter uma experiência real com Deus.
E.C.S.	Sim	Sim. Presbítero, Pr. de jovens.	Católica	Era apenas um católico nominal. Fui evangelizado e levado a Cristo por minha esposa e pelo meu sogro.
E.P.	Sim	Sim. Editor	Evangélico	Desde infância.
E.S.	Sim	Sim. Professor	Evang. Batista	Testemunho e ensino.
J.G.	Sim	Não	Presbiteriano	Nascido em lar evangélico.
M.M.	Sim	Não	Cristã	Nasci em lar cristão.
N.I.N.	Sim	Não	Luterana	Desde o nascimento

W.T.	Sim	Sim. Radialista	Católica	Fui convencido pela verdade.
------	-----	-----------------	----------	------------------------------

QUESTÕES SOBRE O CPEL, SOCIEDADE E DIÁLOGO INTERRELIGIOSO.

Nome	Fale sobre a igreja evangélica em Londrina.
C.M.	Com raras exceções, é igreja conservadora e fechada à mudanças. Embora seja uma igreja grande não se impõe em virtude da desunião e da desconfiança (medo) dos líderes de perder seus liderados, com base e, vários acontecimentos passados.
N.F.	Grande e forte individualmente (no seu contexto), mas que necessita crescer na Palavra de Deus para que seus membros assumam sua posição de cristãos na sociedade influenciando-a.
J.L.A.	É uma igreja grande. Pode ser mais unida e viver mais a mensagem do Evangelho que prega.
W.J.S.	É grande, mas dividida, deve se unir mais para agir na sociedade.
A.F.M.	Está em ascensão, faz vários trabalhos sociais.
E.C.S.	São muitos os aspectos que poderiam ser abordados sobre a igreja denominada hoje evangélica. Alguns bem positivos como a transformação da sociedade quando alcança pessoas e cumpre seu chamado como igreja – assistindo ao necessitado e sendo luz e outros bem negativos com distorções e exageros em nome da fé, gerando escândalos e fazendo com que alguns até se percam.
E.P.	Uma igreja em grande desenvolvimento, crescimento vertiginoso, porém, inconsistente. Muitos que tem se tornado evangélicos e membros de alguma igreja, não tem fundamentação doutrinária e alguns não passaram pela experiência de conversão. Em geral, membros nominais.
E.S.	Existe pelo menos 3 a 4 ramificações que não representam unidade, porém, quem sabe, é assim mesmo, diversidade na unidade.
J.G.	Considero que a Igreja evangélica de Londrina tem tido uma atuação regular em comparação com a de outras cidades. Poderia ser boa, ótima, ou excelente, mas no momento não se apresenta assim. Está ainda carecendo de UNIDADE em comunhão, em oração, em propósitos.
M.M.	A igreja evangélica através de sua liderança tem se esforçado para cooperar com a sociedade como um todo na perspectiva do evangelho integral, ou seja, auxiliando os necessitados nos aspectos: social, cultural, político e espiritual.
N.I.N.	Resido a três anos na cidade e ainda não posso dar uma opinião mais concreta. Mesmo assim, percebo que existem grandes desafios para que se contextualize a mensagem cristã dentro de uma visão da missão integral, porém nem sempre ela é concretizada. Parece-me que a visão da teologia da glória faz algumas lideranças sonharem com uma conquista total das pessoas para Jesus. Chavões como “Londrina é do Senhor Jesus” não ajudam para que o evangelho se concretize na realidade existencial das pessoas. Creio que é necessário um equilíbrio maior entre caráter e euforia. O caráter é demonstrado nas ações e no exemplo de simplicidade diante da sociedade. A euforia, muitas vezes, leva a fazer afirmações de impacto a fim de conquistar novos adeptos. Então, promessas feitas nem sempre se tornam realidade. Percebo ainda que é uma igreja um pouco elitizada, porém aberta para desafios missionários. Há situações em que a perspectiva de pastoreio do rebanho vem sendo substituída por uma visão mais administrativa e profissional. A busca por resultados numa perspectiva de alcançar a “massa” populacional tem deixado de lado a perspectiva do relacionamento mais direto com o rebanho.
W.T.	Penso que está no caminho certo, mas podendo explorar muito mais do seu potencial em direção as necessidades que vemos brotarem por todos os cantos da sociedade.

Nome	O que você diz sobre o CPEL de Londrina?
C.M.	É um órgão jurídico, representativo, importantíssimo; É fantasioso quanto à representatividade (de fato); É ilusório quanto a unidade da igreja na cidade.
N.F.	Um ótimo espaço para comunhão e crescimento dos pastores.
J.L.A.	Pode ajudar muito as igrejas locais. É muito importante como autoridade espiritual na cidade.
W.J.S.	Necessário para aglutinar os pastores em torno do mesmo ideal, orar pela cidade e ser autoridade Espiritual.
A.F.M.	Está em fase de reestruturação, tem representado bem os pastores de nossa cidade.
E.C.S.	Creio que o Conselho exerce um papel muito importante de convergência do pastores em Londrina. Hoje ele é mais reconhecido e valorizado pela sociedade do que pelos próprios pastores. Isso fica evidenciado na pouca frequência em nossas reuniões mensais. São muitas as razões: experiências do passado, pastores sobrecarregados em suas próprias igrejas e também falta de uma visão mais ampla de reino.
E.P.	Uma boa organização, porém de fraca atuação na sociedade e em benefícios aos seus associados. A pequena e fraca estrutura organizacional impedem o crescimento e a boa atuação no cumprimento de seus objetivos.
E.S.	É o representante dos evangélicos como organização. Falta isenção política e ser palavra profética.
J.G.	O Conselho tem procurado cumprir o seu papel.
M.M.	Estamos desenvolvendo um serviço com excelência, atualmente o Conselho de Pastores está presente e ativo nos principais segmentos da nossa cidade. Ajudando, ora através da mensagem cristocêntrica, ora auxiliando através de voluntários nos diversos setores social-político.
N.I.N.	Não tenho uma participação efetiva no mesmo. Pelo que percebo possui uma boa liderança, a qual procura estar atenta a realidade sócio-político da cidade. Tem sido um bom canal de divulgação dos diferentes eventos que envolvem as igrejas locais. Por meio dele é possível perceber como boa parte destas denominações articula suas ações.
W.T.	Acredito ser uma grande porta para se ver cada dia mais pastores unidos em prol de uma só proposta do Reino. O conselho tem a força para colocar as "diferenças" no caminho da unidade. Pelo tamanho de nossa cidade acredito que o nosso conselho pode e deve avançar ainda muito mais.

Nome	Como você entrou para o CPEL e por que faz parte dele?
C.M.	É um órgão representativo (de direito), a maior autoridade evangélica constituída na cidade. Creio que é possível mudar os aspectos negativos.
N.F.	A convite de outro pastor. Faço parte pois creio ser um espaço extremamente útil ao corpo pastoral de Londrina.
J.L.A.	Faço parte informalmente, meu marido é membro e já o presidiu. Meu irmão é o atual presidente. Gosto de participar e o faço sempre que posso.
W.J.S.	Sou um colaborador.
A.F.M.	Através de convite de outro pastor.
E.C.S.	Posso afirmar que fui despertado por Deus, pois em meu coração surgiu um forte desejo de servir minha cidade e orando entendi que isso deveria acontecer através do Conselho. Me dispus no primeiro ano e logo me tornei secretário da atual diretoria.
E.P.	Por vontade própria e faço parte pois trata-se de um ambiente agradável com muitos amigos, porém com poucos "atrativos" para uma frequência estável.
E.S.	Vejo muito importante estar junto dos líderes para aprender e compartilhar a vida e fé.
J.G.	Não sou membro efetivo do Conselho de Pastores.
M.M.	Faço parte do Conselho de Pastores a 09 anos. Associar-me ao Conselho ajudou-me a viabilizar o ministério que Deus graciosamente confiou-me. Os relacionamentos com pastores mais experientes ajudou-me a conhecer as necessidades da cidade, e como consequência influenciou direto no projeto estratégico que estou desenvolvendo.
N.I.N.	Não faço parte de fato e de direito! Participo para estar em comunhão com as lideranças do povo de Deus e assim conhecer melhor a igreja evangélica local. Para também buscar uma troca de experiências, buscando melhor edificar a igreja da qual faço parte.
W.T.	Desde que moro em Londrina tenho tido interesse em fazer parte do Conselho, na

	esperança de poder servir dentro dos meus limites.
Nome	Como você analisa a participação dos evangélicos na política local?
C.M.	Péssima. Há muitos interesses individuais e “bairristas”, tanto da comunidade quanto do Poder Público. Pouco se faz e muito se fala; há muita corrupção camuflada!
N.F.	Ineficaz.
J.L.A.	Acho pouco atuantes, embora já tenha melhorado. Precisa melhorar mais e se unir em torno dos projetos políticos.
W.J.S.	Precisamos ter políticos, mas tem que ser com muita oração, para não ferir os princípios de Deus.
A.F.M.	Fraca, não há unidade, nem uma visão política adequada.
E.C.S.	Ainda é tímida e nas esferas mais simples a política não diverge muito da secular – há ainda aquele pensamento de barganha em épocas de eleição. Quanto a ser candidato e apoiar candidato temos crescido, pois há igrejas hoje permitindo uma maior aproximação dos políticos bem como trabalho no sentido de conscientização dos seus membros.
E.P.	Creio que a atuação dos evangélicos é bem pequena enquanto grupo organizado, a atuação passa a ser individual, cada um seguindo o seus próprios instintos.
E.S.	É pouco. É preciso participação de movimentos independente do Conselho de Pastores.
J.G.	Um pouco acanhada e sem objetivos definidos.
M.M.	A participação é um fato. Porém acredito que os evangélicos podem, precisam e creio que farão uma participação com uma significação maior, mais objetiva e principalmente mais cristocêntrica.
N.I.N.	Por ser uma cidade de grande presença evangélica vejo líderes de várias denominações se fazendo presentes em diversos setores da sociedade. Porém, sua influência concreta nas transformações sociais parece deixar a desejar. Não é raro ver políticos que se dizem evangélicos se amoldarem às benesses do poder!
W.T.	Acho proveitosa, ainda que precisando de um amadurecimento muito grande. Muitos pastores ou líderes eclesiais, encaram o assunto com muito desprezo ou superficialidade. É comum ouvir gente dizendo em púlpito que a política é do diabo. E com isso a participação de evangélicos na política pode ficar muito comprometida e difícil quando vemos líderes com essas ideologias.

Nome	Como o CPEL deve contribuir com a educação política de seus membros?
C.M.	Os pastores são os responsáveis para as mudanças de mentalidade comunitária. Para isto é necessário que sejam melhor orientados para que orientem melhor seus rebanhos.
N.F.	Promovendo fóruns para discussão do tema entre os pastores que por vezes têm certo receio de tocar nesse assunto.
J.L.A.	É preciso que o Conselho seja mais educado para educar. Os membros do Conselho tem um papel importante na vida das suas comunidades.
W.J.S.	Deve instruir sempre baseado na Palavra de Deus.
A.F.M.	Trazendo experiências de outros Conselhos que tem dado certo.
E.C.S.	Não é um assunto muito fácil! Mas creio que devemos amadurecer, definindo critérios e possibilitando aos candidatos que exponham suas propostas. Há igrejas hoje em Londrina que estão organizando debates para que seu povo possa participar melhor do processo.
E.P.	Creio que das seguintes formas: - Debates - Esclarecimentos de gestão anteriores de políticos (mostrando a atuação no passado) - Seminários e fóruns sobre política brasileira - Livros
E.S.	Orar. Promover debates e informações.
J.G.	Ministrando nesta área.
M.M.	Deve seguir as instruções do mestre Jesus. Participação efetiva diante da realidade e necessidade do povo, tendo como estratégia princípios como: o amor a verdade a honestidade inegociável e o serviço
N.I.N.	Buscando ouvir líderes que tenham uma visão crítica das questões políticas e que saibam apontar os pecados do próprio povo evangélico.
W.T.	Muito. O serviço de consultorias é algo que vemos funcionar em todos os segmentos da

	sociedade. E quando aos pastores não é diferente. O conselho poderia desenvolver uma ministração bem especifica, com a participação de especialistas, para nos dizer, de modo mais aberto, detalhes que, para muitos ainda é um enigma.
--	---

Nome	Você acha importante o diálogo entre as igrejas cristãs? Por quê?
C.M.	Sim. Ao dialogar troca-se experiências, informações e aprendizado. Quem sabe mais e pode mais ajuda aos outros menos informados.
N.F.	Sim, os evangélicos vivem divididos e mostrando mais o que os separa (diferença) do que o que nos une e necessitamos rever isso.
J.L.A.	Sim. É muito importante. É dialogando que se cresce em conhecimento. Porém, o diálogo precisa ser honesto e sincero.
W.J.S.	Sim. Eu acho que as igrejas trabalham muito egoisticamente. Precisa de mais diálogo, mais união. É isso que Deus quer.
A.F.M.	Sim, acho. Porque quando há conversa nos tornamos mais fortes.
E.C.S.	Creio que é fundamental. Temos mais pontos que nos unem do que aqueles que eventualmente poderiam nos separar. Creio em projetos conjuntos onde possamos servir nossa cidade. Para mim, no fim de todas as coisas vai importar mesmo o quanto nós amamos!
E.P.	Sim, pois pertencemos a um mesmo corpo (corpo de Cristo) e há muito mais coisas que nos unem do que as que nos separam.
E.S.	Sim. Unir nos esforços dos direitos humanos e de justiça.
J.G.	Sim. Sem diálogo não pode haver aproximação.
M.M.	Sim. Porque a igreja é composta por cidadão. Pessoas que vivem trabalham constroem famílias, influenciam diariamente a história e o desenvolvimento não somente no aspecto religioso, mas também social cultural e político. É possível desenvolver projetos relevantes para a sociedade como um todo através do diálogo.
N.I.N.	Vejo que sim, pois proporciona uma aproximação maior entre as diversas denominações e um enriquecimento mútuo. Diferentes experiências enriquecem o corpo de Cristo. Mesmo que na prática pouca coisa acontece além de determinadas celebrações conjuntas. Assim mesmo é importante que a sociedade saiba que as igrejas não precisam ficar se "digladiando" entre si, mas que transmitam um espírito de unidade, ou aproximação, na pluralidade.
W.T.	É através do diálogo que podemos ver onde cada um está e vai indo. Sempre gostei de ouvir. Um diálogo maduro entre os líderes traria muitos benefícios. Ainda que reconheça ser um pouco difícil elaborar algo assim, mas acredito ser possível. O resultado vai ser muito proveitoso.

Nome	E o diálogo com outras religiões não cristãs, como você vê?
C.M.	Com restrição. Não é possível, um cristão dialogar sobre política com os não cristãos, com proveito. Não têm a mesma visão, não falam a mesma língua e não têm o mesmo entendimento.
N.F.	Necessária, mas com alguns cuidados, pois não podemos para propiciar este diálogo abrir concessões aos nossos princípios de fé.
J.L.A.	Não acredito que dialogar com os não crentes sobre política traga melhorias. As motivações dos cristãos não é a mesma dos não cristãos na política assim como não o é em outros

	aspectos da vida.
W.J.S.	Se eu ficar no meu "mundo", como vou alcançar as pessoas para Jesus? Não sou contra diálogo. Só não posso aceitar coisas que não condizem com aquilo que creio baseado na Palavra.
A.F.M.	Não concordo. Os evangélicos ainda têm posição bem estruturada.
E.C.S.	Dentro desse critério, o do amor, podemos nos mover em ações conjuntas, mas andarmos juntos isso já passa por um crivo teológico. "Como andaram juntos se não tiverem em acordo? "
E.P.	Depende dos objetivos, se for exclusivamente para tratar sobre religiosidade não sou a favor, mas se for para buscar objetivos em comum a favor do bem estar da sociedade., ai sim.
E.S.	O diálogo nas questões humanitárias. Somente nestes e não no foco de "comunidade" cristã.
J.G.	Com igrejas não cristãs (como instituição) é difícil o diálogo. No máximo se pode conseguir uma política de boa-vizinhança. No entanto, sobre temas políticos é viável. Isto não significa que não se deva dialogar com todas as pessoas, seja de que credo for.
M.M.	Estamos inseridos num contexto real. A religião é uma escolha livre, compostas por pessoas, e as pessoas são importantes e devem ser respeitadas em seu estilo e escolha religiosa. No entanto existem problemas para serem solucionados que pede com urgência a participação e solidariedade de todos.
N.I.N.	Tenho grandes dificuldades em aceitar. Então me pergunto: se a base da nossa fé é o Jesus Cristo encarnado, como realizar ações concretas quando o ponto de partida é outro? Mesmo que na perspectiva humana somos todos iguais, creio que a centralidade de fé não pode ser negociada.
W.T.	Também deveria acontecer dentro dos princípios morais e éticos. Como sal da terra que somos e luz do mundo, isso seria um modo muito rico e fazer com que de alguma forma, nos ouvissem e, claro, nós também a eles. Isso, certamente poderia fazer a gente ver coisas que podemos estar vendo distorcidamente, ou não vemos.

ANEXO D

Análise dos dados obtidos nos questionários aplicados ao CPEL

No dia 04 de setembro de 2007, durante reunião ordinária do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina, com cerca de 40 pastores presentes, aplicamos um questionário com o objetivo de conhecer o que pensam os pastores a respeito do processo de formação política do segmento evangélico. Dos 12 questionários respondidos, constatamos que:

Idade:

31 a 40 anos - 25% com média de 40 anos.

41 a 50 anos - 50% com média de 42 anos.

51 a 60 anos - 8,3% com média de 58 anos.
61 a 70 anos - 16,7% com média de 65 anos.

Estado Civil:

Casado – 91,6%
Divorciado – 8,4%
Solteiro – 0

Escolaridade:

Ensino médio - 8,4%
Superior - 58,3%
Pós-graduado - 33,3%

Igreja:

09 denominações diferentes:

Missionária, Sagradas Missões, Nova Aliança, Presbiteriana, Quadrangular, O Brasil Para Cristo, Luterana, Igreja das Nações e Batista.
Presbiterianos - 16,6%
Batistas - 16,6%
Sagradas Missões - 16,6%
Demais - 8,33%

Religião de origem:

Católica - 25%,
Evangélica - 75%

Exerce outra ocupação:

Sim - 66,6% com predominância para as áreas da educação, social e comunitária.
Não - 33,4%

Renda mensal:

1 a 3 Salários mínimos - 8,3%
3 a 5 “ “ - 33,3%
5 a 7 “ “ - 16,6%
7 a 10 “ “ - 33,3%
+de 10 “ “ - 8,5%

Porque se tornou evangélico:

Experiência de cura e libertação - 8,3%
Foi educado na infância pelos pais - 66,7%
Foi evangelizado - 25%

Como vê a igreja evangélica na cidade:

Conservadora, resistente à mudanças - 8,3%
Grande, atuante na sociedade, pode ser mais unida - 41,7%
Envolvida com a transformação da sociedade - 33,4%
Elitizada, profissional, conquistadora - 8,3%
Dividida, mas em busca da unidade - 8,3%

Como vê o Conselho de Pastores:

Fraca atuação na sociedade e para os associados - 8,3%

Necessário para aglutinar os pastores e representar os evangélicos - 75%

Atuante na realidade sócio-política - 16,7%

Como vê os evangélicos na política:

Péssima atuação, ruim, há muita corrupção - 8,3%

Pouco atuante, ineficaz, precisa amadurecer, melhorar, se unir em torno de um projeto político - 83,4%

Grande presença, mas pouca influência - 8,3%

Como o Conselho de Pastores deve contribuir com a educação política de seus membros:

Orientando os pastores, educando - 50%

Organizando debates, ouvindo candidatos, especialista na área - 41,7%

Participando próximo da realidade do povo - 8,3%

O que acha do diálogo entre igrejas cristãs:

Importante, por causa da unidade, dos direitos humanos, do amor - 58,4%

Importante, para conhecer o outro, para nos aproximar, crescer - 41,6%

O que acha do diálogo entre religiões não cristãs.

Com restrição, não é possível, visão diferente, linguagem diferente - 33,4%

É possível em ações conjuntas, de solidariedade, amor - 50%

Deveria acontecer, com princípios morais e éticos, para vermos as coisas diferentes, ouvirmos mutuamente - 16,6%

ANEXO E

Relato de Eventos em que o CPEL esteve envolvido na cidade.

Evento 01:

Almoço de Pastores(as) com o Governador Roberto Requião

Data: 16/10/2006

Local: Centro de Evento do Parque Ney Braga

Observações:

A abertura dos trabalhos foi feita pelo Pr Neto Soares, que fez uma oração pela reunião, pelo candidato Roberto Requião e pela igreja em Londrina.

A seguir, foi anunciada a entrada do Governador acompanhado de candidatos evangélicos, com exceção ao Ex-Prefeito de Londrina Luiz Eduardo Cheida e a Deputada Elza Correa.

O candidato, atual governador, iniciou sua fala citando o Salmo 101 para “ovação” do público. Após, fez breve relato de suas ações governamentais, enfatizando os programas populares. Ele fez críticas ao mercado financeiro: “este, serve a Mamom, não serve a Deus”. Mencionou também que é candidato da fração mais pobre da sociedade e fez apelo pela ética: “Não sou candidato do mensalão...” e comparou sua situação de liderança com a do pastor, dizendo que: “Se o pastor não for sério, os fiéis não acreditaram nele.”

A maioria do público presente era de classe média baixa, cerca de 400 presentes.

Após sua fala, um membro da mesa dirigiu uma palavra de oração pelos candidatos, pelos pastores, igrejas, pela cidade, pelo Estado e o alimento (almoço), que seria servido.

Entrevistas:

Quanto ao público presente:

1. Pr. Edmilson Henriques (Igreja Presbiteriana):

“Há predominância das igrejas de tradição pentecostal e neo-pentecostal, público que ouve e obedece seus pastores e líderes. Há poucas pessoas do campo histórico/reformado.”

2. Pr. Joed Lamônica (Igreja Casa de Oração para Todos os Povos):

“A presença dos pastores no almoço é importante e aponta um processo de transformação, de mudança, mas ainda há resistência.”

“A diversidade cultural é a realidade do segmento, a maioria é pentecostal.”

3. Pr. Adilton Silva (Igreja Presbiteriana Renovada)

“A igreja se fez presente, mostrou-se unida em torno de alguns candidatos, foi ponto positivo a diversidade cultural o que pode contribuir para a formação política.”

Como você analisa a participação dos evangélicos na política?

1. Gov. Roberto Requião:

“Bom, na Presbiteriana, nós já tivemos a participação do Rev Emerick, do Rev. Elias Abraão. Na Assembléia de Deus, tem coordenação política, mas deixa a desejar, tem que aprofundar, tem que ser institucionalmente aprofundado.”

“De um modo geral, tem muito pilantra que invade as igrejas sem nenhum compromisso. A Igreja Presbiteriana é politizada, nossas igrejas precisam participar mais. Tem amadurecido, mas com muitos problemas éticos nas bancadas, requer uma maior participação dos mandatos”.

2. Vereador Henrique Barros (Igreja Batista):

“A igreja tem que estar organizada para defender seus interesses, inclusive no campo da moral e ética. A Igreja Universal está mais organizada e envolvida, a Assembléia de Deus também.”

“Não vejo bom resultado da participação dos pastores no plano da candidatura, o pastor sério não agüenta a pressão do meio.”

Evento 02:

Reunião com Ministério Público em 23/08/2006

Local: Sede do Ministério Público – Av Duque de Caxias

Tema: Violência em Londrina

Participação:

Dr^a Edna de Paula – Promotora da Infância e Juventude.

Dom Orlando Brantis – Arcebispo de Londrina

Frei Adelino Frigo – MEL (Movimento Ecumênico de Londrina)

Rev Edson Oliveira Filho – Presidente do Conselho de Pastores

Rev Carlos Alberto Xavier – Vice Presidente do Conselho de Pastores

Rev Clóvis de Pinho – Membro do Conselho de Pastores.

Relato

A Dr^a Edna de Paula abriu a reunião fazendo uma exposição do quadro de violência na cidade, destacando a situação dramática de crianças e adolescentes que têm sido vítimas do narcotráfico e conseqüentemente em volvidas no contexto de violência. Ela ressaltou que muitas das crianças e adolescentes atendidas pelos programas de assistência pública, relatam ter sofrido violência doméstica, o que aponta, segundo ela, para um quadro de desestabilização das famílias. Ela pediu ajuda das igrejas, afirmou que se sente impotente diante do drama destes jovens e assumiu não acreditar na reabilitação dos jovens atendidos pelos programas se suas respectivas famílias também não forem auxiliadas e orientadas.

Dom Orlando Brantis e os pastores Edson Filho e Clóvis de Pinho, fizeram suas considerações sobre o papel dos pais na formação da criança, bem como a importância do contexto familiar como célula inicial de socialização da criança.

Chegou-se ao consenso de que as igrejas poderiam atuar de forma “unida” e para isto foi proposta pelos líderes religiosos, uma intervenção em dois eixos:

1º) A partir do fornecimento dos dados de violência em Londrina pela Promotoria, as lideranças das igrejas se reuniram no sentido de pensar uma ação pastoral através das igrejas localizadas nos respectivos bairros, visando atender as famílias de menores infratores.

2º) Criação de um Fórum permanente, denominado “Fórum da Justiça e Paz”, o qual funcionaria como um articulador de debates e ações educativas na sociedade londrinense.

Ficou agendada uma visita do Arcebispo Dom Orlando Brantis ao Conselho de Pastores, num gesto concreto de diálogo inter-religioso, no sentido de motivar os pastores a se envolverem nesta causa.

ANEXO F

Entrevista com o Rev João Marcos Martins Ribeiro.

Nome: João Marcos Martins Ribeiro

Idade: 55 anos

Residência: Londrina-Pr.

Profissão: Pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana Independente.

Referência: Filho do Rev. João Batista Ribeiro Neto, companheiro de viagem do Rev. Jonas Dias Martins, também pastores da Primeira Igreja Presbiteriana Independente.

Observações:

Marcamos a entrevista para o dia 16 de outubro de 2007, no Espaço Esperança, local de reuniões alternativas da Primeira Igreja Presbiteriana Independente.

Cheguei ao local pouco antes do horário combinado, tive a oportunidade de ouvir a pregação do Rev Messias Anacleto Rosa que está na igreja há mais de 30 anos. Ele pregava para cerca de 1.500 pessoas, a maioria do sexo feminino, classe média baixa, pessoas que vivenciam problemas de desemprego, doenças, crises familiares etc. Sua mensagem era de que as pessoas não deveriam temer as dificuldades, mas diante delas, exercitar a fé em Deus, como fez Jacó, Elias e outros personagens da Bíblia.

Ao final do culto, cantaram o hino: “Não entristeças o teu coração...”, depois as pessoas foram convidadas a orar por seus problemas e participarem de uma campanha de 06 semanas de oração.

Por fim, encontrei o Pr. João Marcos e nos dirigimos ao templo da igreja na Rua Mato Grosso. Durante toda a entrevista, o Pr. João Marcos fez questão de enaltecer a figura do Rev Jonas Dias Martins e destacar o respeito que as pessoas da igreja e da cidade, tinham para com este homem.

Carlos: *Pr. João Marcos, qual a sua relação com o Pr. Jonas Dias Martins?*

Resp. Sou filho do Ver João Batista Ribeiro Neto, que por sua vez trabalhou com o Rev Jonas aqui na Região Norte do Paraná. Desde a juventude pude acompanhá-los em viagens e conversas, além de ouvir muitos relatos do meu pai.

Carlos: *Quem foi o Rev João Batista?*

Resp. Meu pai foi um ex-jogador de futebol, também vereador na cidade de Assis-SP., que chegou à Londrina em 1954 para estudar Teologia no ISBL, junto com o Rev Messias Anacleto Rosa. Posteriormente, trabalharam juntos na Primeira Igreja Presbiteriana Independente.

Carlos: *Qual a participação do Rev João Batista na história de Londrina?*

Resp. Meu pai sempre participou dos momentos políticos. Era um crítico do golpe militar de 64 (1964), motivo de sua saída da cidade Jataizinho e vinda para Londrina

em 1965. Ao chegar em Londrina, filiou-se ao MDB, foi membro da executiva do partido. Participou de diversas campanhas eleitorais na cidade, mas nunca misturava o púlpito (igreja), com a política, respeitava as pessoas que pensavam diferente dele.

Carlos: *Como foi a participação do Rev João Batista no Conselho de pastores de Londrina?*

Resp. Participava ativamente, inclusive, foi diretor.

Carlos: *Como era o Conselho de Pastores na época do Rev Jonas e do Rev João Batista?*

Resp. Os primeiros pastores de Londrina tiveram um papel impactante na cidade, influenciando as ações da igreja. Por isso desenvolveu-se uma imagem de Londrina como sendo uma cidade de evangélicos. O Conselho de Pastores está vinculado a esta história. Quando se falava no Conselho de pastores de Londrina, a gente prendia até a respiração, era muito respeitado, muito atuante, havia harmonia entre seus membros.

Carlos: *Como era o relacionamento do Rev João Batista com pessoas de outras religiões?*

Resp. Apesar de crítico à igreja católica, ele mantinha bons relacionamentos com membros desta igreja, inclusive com o clero. Ele gostava de polemizar, mas mantinha bom diálogo com as pessoas de outras religiões, inclusive, participava de celebrações na área educacional, social e política com sacerdotes católicos.

Carlos: *E a relação do Rev João Batista com o Rev Jonas Dias Martins?*

Resp. Meu pai era companheiro de estrada do Rev Jonas. Juntos, fundaram muitas igreja aqui em Londrina. Eles conversavam muito sobre política, Rev Jonas era um conservador e por isso meu pai divergia com ele politicamente, mas sempre com um diálogo franco e respeitoso.

Carlos: *O Rev Jonas Dias Martins e o Rev Zaqueu de Mello foram dois expoentes no Conselho de Pastores, como você os vê?*

Resp. O Rev Jonas na verdade foi o Pastor de Londrina durante muitos anos, ele foi o pastor! Prof^o Zaqueu de Mello talvez tenha sido o professor de Londrina, mas o

Rev Jonas foi o pastor de Londrina durante 30 anos, ele e o Arcebispo Dom Geraldo Magela. Quando a cidade tinha alguma coisa importante para decidir, para resolver, as pessoas iam pedir a benção a ele e ao Dom Geraldo. Rev Jonas também tinha uma boa relação com Dom Geraldo, eles se visitavam com frequência.

Carlos: *O Rev Jonas Dias Martins era negro, sofria discriminação?*

Resp. Sofreu sim, alguns tipos de discriminação por ser negro. Dentro e fora da igreja, um pré-conceito camuflado.